



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
COORDENADORIA DE DESIGN
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE INTERIORES**

MARIA ESTHER CARVALHO CARNAÚBA

**DE PASSARINHOS:
A UTILIZAÇÃO DO CROCHÊ NO PROJETO DE UM MOBILIÁRIO INFANTIL**

MACEIÓ, AL

2025

MARIA ESTHER CARVALHO CARNAÚBA

DE PASSARINHOS:
A UTILIZAÇÃO DO CROCHÊ NO PROJETO DE UM MOBILIÁRIO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (Ifal, AL), referente à Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Roseane Santos da Silva

MACEIÓ, AL

2025



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
COORDENADORIA DE DESIGN
CURSO SUPERIOR EM TECNOLOGIA DE DESIGN DE INTERIORES**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de
Conclusão de Curso

**DE PASSARINHOS:
A UTILIZAÇÃO DO CROCHÊ NO PROJETO DE UM MOBILIÁRIO INFANTIL**

elaborado por
MARIA ESTHER CARVALHO CARNAÚBA

como requisito parcial para obtenção do grau de
TECNÓLOGO EM DESIGN DE INTERIORES

COMISSÃO EXAMINADORA:

Roseane Santos da Silva, DR.^a
(Presidente/Orientador)



Documento assinado digitalmente
ROSEANE SANTOS DA SILVA
Data: 27/11/2025 17:58:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Vanine Borges Amaral, DR.^a (Ifal)



Documento assinado digitalmente
VANINE BORGES AMARAL
Data: 12/11/2025 20:12:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Tharcila Maria Soares Leão, DR.^a (Ifal)



Documento assinado digitalmente
THARCILA MARIA SOARES LEAO
Data: 26/11/2025 13:09:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Maceió, 03 de julho de 2025.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

745.5
C288p

Carnaúba, Maria Esther Carvalho.

De passarinhos {recurso eletrônico} : a utilização do crochê no projeto de um mobiliário infantil /Maria Esther Carvalho Carnaúba. - Dados eletrônicos (1 arquivo : 5,71 MB). - 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Profª. Drª. Roseane Santos da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design de Interiores) –
Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió, Maceió, 2025.

1. Design de Interiores. 2. Design de Produto. 3. Mobiliário infantil. 4. Crochê.
5. Artesanato. I. Título.

Bibliotecária Nalva Maria Amaral / CRB-4/989

Para **Pedro**, o Sol da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ana Gabriela, que por tantas vezes passou noites inteiras fazendo algum tipo de artesanato para complementar a renda de casa. E que ensinou a mim e a minha irmã, Carolina o prazer de fazer crochê.

Ao companheiro de uma vida, Arnaldo Ferreira, que por tantas noites me viu deixar de dormir para cumprir os prazos de entregas das bancas. E que mesmo quando eu não mais acreditava no término do curso, me apoiou e lutou ao meu lado.

Aos companheiros do curso de Design de Interiores, principalmente a amiga e dupla de bancas, Alycia Gama.

Aos professores, que me guiaram ao longo do curso. Em especial a professora dra. Roseane Santos da Silva que aceitou me orientar neste trabalho depois de tantos anos de afastamento, professora Valéria Teles que incentivou a minha volta ao curso, professores Roberto Peixoto e Eduardo Bastos, pelo apoio, Tharcila Leão pelo carinho e compreensão, Denise Lages que sempre acolhe seus alunos de forma carinhosa e a Lolita Marques pela partilha de tantos conhecimentos valiosos.

Crochê é um ofício. Uma arte. Uma linguagem. O mundo ao meu redor é um playground para ser preenchido com seres mágicos onde uma nova vida é dada a objetos esquecidos. Eu posso dar novos significados e vida a tudo que me cerca. Tudo.

Alessandra Roveda, designer italiana.

RESUMO

DE PASSARINHOS: A UTILIZAÇÃO DO CROCHÊ NO PROJETO DE UM MOBILIÁRIO INFANTIL

Este trabalho tem como objetivo principal desenvolver um mobiliário voltado para o público infantil utilizando a técnica artesanal do crochê. O crochê é um fazer manual rico que vem sendo cada vez mais valorizado no campo do design. As etapas para o desenvolvimento do trabalho foram organizadas em dois momentos: I) Referencial teórico: onde procurou-se conhecer sobre o universo do crochê e do design de mobiliário para público infantil e II) Desenvolvimento projetual: com fases que contemplam o enfoque no desenvolvimento do mobiliário a ser utilizado em ambiente residencial, para isso, foram observados o domínio do uso de cores, ergonomia e principalmente segurança. Ao final do trabalho, além do detalhamento do projeto, um protótipo foi construído para verificação dos detalhes de uso e configuração formal do produto.

Palavras-chaves: Design de interiores, design de produto, mobiliário infantil, artesanato, crochê.

ABSTRACT

OF BIRDS: THE USE OF CROCHET IN THE DESIGN OF CHILDREN'S FURNITURE

The main objective of this project is to develop furniture for children using the artisanal technique of crochet. Crochet is a rich craft that has been increasingly valued in the design field. The development stages were organized into two phases: I) Theoretical framework: where we sought to learn about the world of crochet and furniture design for children; and II) Design development: with phases that focus on developing furniture for use in a residential environment. To this end, we observed mastery of color use, ergonomics, and especially safety. At the end of the project, in addition to detailing the design, a prototype was built to verify the product's usability and formal configuration.

Keywords: Interior design, product design, children's furniture, crafts, crochet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dama fazendo crochê de tambor.....	26
Figura 2 - Eléonore Riego de la Branchandière (a mãe do crochê moderno)	27
Figura 3 - Simbologia dos pontos básicos do crochê.....	28
Figura 4 - Manta feita de crochê Tunisiano.....	28
Figura 5 - Peça iniciada em crochê de Grampo.....	29
Figura 6 - Vestido de noiva de crochê Irlandês.....	29
Figura 7 - Almofada de crochê Bavarian.....	30
Figura 8 - Manta de crochê C2C.....	30
Figura 9 - Peça iniciada em crochê Broomstick.....	31
Figura 10 - Manta de crochê Escocês.....	31
Figura 11 - Almofada de crochê Filé.....	32
Figura 12 - Xale de crochê Freeform.....	32
Figura 13 - Amigurumi do personagem infantil Stitch.....	33
Figura 14 - Amostras de crochê Jacquard.....	33
Figura 15 - Gráfico e uma amostra de square (quadrado da vovó)	34
Figura 16 - Instagram Marie Castro.....	35
Figura 17 - Tutoriais no Youtube.....	35
Figura 18 - Instagram Moira.....	36
Figura 19 - Cíntia Nicolau.....	36
Figura 20 - Crochê passado de geração em geração.....	37
Figura 21 - Detalhe de um vestido feito de seda.....	38
Figura 22 - Vanessa Montoro e uma das artesãs que confeccionam suas peças..	38
Figura 23 - Ângela Missoni e Alessandra Roveda.....	39
Figura 24 - Espaço Missoni criado por Alessandra Roveda.....	39
Figura 25 - Instalação de Ernesto Neto em Paris.....	40
Figura 26 - Ernesto Neto.....	41
Figura 27 - Arte têxtil de Toshiko Horiuchi.....	41
Figura 28 - Arte têxtil de Toshiko Horiuchi no Museu de Hakone, no Japão.....	42
Figura 29 - Toshiko Horiuchi.....	42
Figura 30 - Canal de Anne Galante no Youtube.....	43
Figura 31 - Instalação de crochê gigante em São Paulo.....	43
Figura 32 - Joia de crochê.....	44
Figura 33 - Crocheteiras de Barbosa Ferraz, PR.....	44

Figura 34 - Árvores recobertas de Crochê da Av. Alvarenga Peixoto.....	45
Figura 35 - Cadeira de alimentação de Michael Thonet.....	48
Figura 36 - Carroça infantil, Gerrit Rietveld, 1922, MoMA, New York.....	48
Figura 37 - Móvel minimalista, Marcel Breuer.....	49
Figura 38- Berço, Peter Keler.....	49
Figura 39 - Armário de brinquedos infantis, Alma Siedhoff-Buscher.....	49
Figura 40 - Cadeira infantil Kristian Solmer Vedel Orskow & Co Dinamarca, 1957.....	50
Figura 41 - Case dei Bambini.....	51
Figura 42 - Ambiente de estudo infantil com as cadeiras criadas pelo casal Eames.....	52
Figura 43 - "Habitáculo", cama multifuncional para crianças desenvolvida por Bruno Munari, em 1971, que venceu o Prêmio Compasso d'Oro em 1979.....	53
Figura 44 - Painel Semântico.....	58
Figura 45 - Saíra-pintor (Tangara fastuosa)	60
Figura 46 - Mapa de registros da espécie saíra-pintor (Tangara fastuosa).	61
Figura 47 - Poema de passarinhos, Manoel de Barros.....	61
Figura 48 - Painel Conceitual.....	62
Figura 49 - Planta baixa do ambiente onde mobiliário será utilizado (quarto)	63
Figura 50 - Ambiente onde o mobiliário será utilizado (quarto).....	64
Figura 51 - Pesquisa de mercado com mobiliário infantil.....	65
Figura 52 – Mapa mental com alguns itens a serem considerados no projeto.....	66
Figura 53 - Estudos de amostras, materiais e fios.....	67
Figura 54 - Amostras de alternativas de pontos, formas e fios.....	68
Figura 55 - Estudos e croquis da alternativa escolhida.....	70
Figura 56 - Estudos da estrutura e formas a nível de mockups.....	71
Figura 57 - Mockup da alternativa escolhida finalizado com aplicação da técnica do crochê.....	72
Figura 58 – Desenhos com medidas gerais.....	74
Figura 59 – Modelagem virtual da alternativa escolhida.....	75
Figura 60 - Modelagem virtual da alternativa escolhida.....	75
Figura 61 - Modelagem virtual da alternativa escolhida.....	76
Figura 62 - Modelagem virtual da alternativa escolhida.....	76
Figura 63 - Passo a passo de criação do protótipo do mobiliário desenvolvido.....	77

Figura 64 - Fotografia do protótipo do mobiliário desenvolvido com descritivo dos pontos e materiais utilizados.....78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conversão de requisitos dos usuários em requisitos de projeto.....	69
Quadro 2: Avaliação dos requisitos do projeto frente aos resultados alcançados na alternativa desenvolvida.....	79

LISTA DE REDUÇÕES

PAB	Programa do Artesanato Brasileiro
DIY	Do It Yourself (Faça você mesmo)
CEO	Chief Executive Officer (Diretor Executivo)
FUNCATE	Fundação de Ciência, Aplicações e Tecnologias Espaciais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	17
1.2. OBJETIVOS.....	20
1.2.1. Objetivo geral.....	20
1.2.2. 8Objetivos específicos.....	20
1.3. JUSTIFICATIVA.....	20
1.4. METODOLOGIA.....	21
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1. ARTESANATO.....	23
2.2. CROCHÊ.....	25
2.2.1. Tipos de crochê.....	27
2.2.1.1. Tradicional.....	27
2.2.1.2. Tunisiano.....	28
2.2.1.3. De Grampo.....	29
2.2.1.4. Irlandês.....	29
2.2.1.5. Bavarian.....	30
2.2.1.6. C2C (corner to corner).....	30
2.2.1.7. Broomstick Lace.....	31
2.2.1.8. Escocês.....	31
2.2.1.9. Filé.....	32
2.2.1.10. Freeform.....	32
2.2.1.11. Amigurumi.....	33
2.2.1.12. Jacquard.....	33
2.2.1.13. Granny square.....	34
2.3. AS POTENCIALIDADES DO CROCHÊ.....	35
2.4. DESIGN DE INTERIORES E DESIGN DE PRODUTO.....	45
2.5. DESIGN DE MOBILIÁRIO INFANTIL.....	47
3. DESENVOLVIMENTO.....	56
3.1. MÉTODO PROJETUAL.....	56
3.1.1. Etapa 1: Análise do Problema.....	56
a) Briefing.....	57
b) Persona.....	57
c) Painel Semântico.....	57

d) Conceito.....	58
e) Painel Conceitual.....	62
f) Ambiente residencial.....	62
g) Pesquisa de mercado.....	64
h) Mapa mental.....	65
i) Estudos e amostras de crochê.....	66
j) Requisitos do Projeto.....	69
3.1.2. Etapa 2: Geração de Alternativas.....	69
a) Desenhos e croquis.....	70
b) Mockups.....	71
3.1.3. Etapa 3: Realização e análise da alternativa escolhida.....	73
a) Detalhamento da alternativa.....	73
b) Processo de criação do produto.....	77
c) Análise dos Requisitos do projeto x Alternativa final.....	79
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
Referências.....	81
Apêndice.....	84

1. INTRODUÇÃO

Utilizar a técnica do crochê na elaboração de um mobiliário infantil é uma tarefa que apresenta desafios, visto que este artesanato desde as suas origens é mais utilizado em peças de vestuário e na decoração. Sua aplicação em utilitários de cozinha como, por exemplo, em panos de prato e toalhas de mesa, muitas vezes passa despercebida. Só muito recentemente alguns designers e artistas resolveram inovar redescobrimo a técnica e transformando ambientes com a renda do crochê.

Desta maneira, o direcionamento deste trabalho deverá ser inovador sem perder de vista as técnicas de um artesanato que tem sobrevivido através dos séculos. E para que isso aconteça serão observados critérios importantes como: Contextualização; Delimitação do tema; Justificativa; Objetivos; e Metodologia.

De maneira sequencial, o presente capítulo está organizado nos seguintes tópicos: Contextualização e Delimitação do tema; Justificativa; Objetivos e Metodologia.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA

Uma agulha com um gancho da ponta, que parece bailar entre as mãos ágeis, entrelaçando o fio em um vai e vem frenético, transformando a matéria prima em infinitos pontos e desenhos que levam a quantos objetos a imaginação mandar. O crochê não tem uma origem certa, existem diversas teorias sobre de onde veio essa técnica, mas o que se sabe com certeza é que é uma atividade cultural geracional. Se perguntarmos a qualquer artesão sobre onde adquiriu o conhecimento, certamente ouviremos que foi passado por algum parente próximo, quase sempre por mães e avós. De acordo com Nadja Mourão e Ana Célia Oliveira, entre diversos povos, o fazer manual do crochê se constitui na memória do próprio objeto em cada ponto tecido, mas também faz parte da memória cultural afetiva que permanece se adequando através do tempo (Mourão, Carneiro 2021, p. 73).

É sabido que desde a infância o indivíduo desenvolve laços afetivos com as pessoas que nos cercam bem como com os objetos e espaços. Assim são estabelecidas as relações humanas com estes objetos, como ferramentas para a construção do que chamamos de memória afetiva. Por sua vez, os produtos gerados devem ser vistos além do valor material, eles são parte da história das pessoas. Por isso, se torna imprescindível compreender a importância das relações afetivas, entre

os seres humanos e os seus objetos do cotidiano. Com o crochê acontece exatamente isso. Utilizar o crochê na confecção de objetos para crianças, além de desafiador é também uma maneira de mostrar que este artesanato tão antigo e atual ao mesmo tempo, pode ter sempre novos usos, formas e texturas, e dessa maneira conquistar e contribuir com a formação das memórias afetivas de um público tão exigente, que é o infantil.

Quando pensamos em design de novos produtos, de uma forma geral, o que vem em mente são objetos feitos por grandes indústrias, em larga escala e para atender ao mercado cada vez mais globalizado. Mas o desenvolvimento de um produto nem sempre tem essa intensão e pode envolver outras questões. De uma forma mais simplificada, ele consiste em um conjunto de ações por meio das quais se busca, a partir de um problema ou necessidade, criar um produto adequado que atenda a diversos fatores: tecnológicos, ergonômicos, funcionais, e que satisfaça clientes e usuários (Pazmino, 2015. p. 12). E o artesanato pode e deve atender a todas essas exigências e ainda contribuir para a manutenção da identidade cultural de determinadas comunidades de várias regiões do país.

De acordo com a Portaria nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018, publicada no Diário Oficial da União, pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, o Programa do Artesanato Brasileiro reconhece o artesanato como produto e processo dinâmico que materializa uma variedade de possibilidades e significados. A sua pluralidade cultural e étnica é tão diversa que demanda olhares distintos para o seu universo. Para entender e conhecer melhor toda essa diversidade é que existe a seguinte classificação proposta pelo Programa do Artesanato Brasileiro:

- a) Artesanato Tradicional: a produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais, cuja importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração;
- b) Arte Popular: caracteriza-se pelo trabalho individual do artista popular, artesão autodidata, reconhecido pelo valor histórico e/ou artístico e/ou cultural, trabalhado em harmonia com um tema, uma realidade e uma matéria, expressando aspectos identitários da comunidade ou do imaginário do artista;

- c) Artesanato Indígena: é resultado do trabalho produzido por membros de etnias indígenas, no qual se identifica o valor de uso, a relação social e a cultural da comunidade, sendo os produtos, em sua maioria, incorporados ao cotidiano da vida tribal e resultantes de trabalhos coletivos, de acordo com a divisão do trabalho indígena. O Selo Indígenas do Brasil, instituído pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (Portaria Interministerial nº 2, de 3 de dezembro de 2014) para valorizar e identificar a origem indígena dos produtos, é sinal distintivo aplicável ao produto artesanal indígena;
- d) Artesanato Quilombola: é resultado do trabalho produzido coletivamente por membros remanescentes dos quilombos, de acordo com a divisão do trabalho quilombola, no qual se identifica o valor de uso, a relação social e cultural da comunidade, sendo os produtos, em sua maioria, incorporados ao cotidiano da vida comunitária. O Selo Quilombola, instituído pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Portaria nº 22, de 14 de abril de 2010) para certificar a origem de produtos feitos por integrantes de comunidades quilombolas, é sinal distintivo aplicável ao produto artesanal quilombola;
- e) Artesanato de Referência Cultural: produção artesanal decorrente do resgate ou da releitura de elementos culturais tradicionais nacionais ou estrangeiros assimilados, podendo se dar por meio da utilização da iconografia (símbolos e imagens) e/ou pelo emprego de técnicas tradicionais que podem ser somadas à inovação; dinamiza a produção, sem descaracterizar as referências tradicionais locais;
- f) Artesanato Contemporâneo-Conceptual: produção artesanal, predominantemente urbana, resultante da inovação de materiais e processos e da incorporação de elementos criativos, em diferentes formas de expressão, resgatando técnicas tradicionais, utilizando, geralmente, matéria-prima manufaturada reciclada e reaproveitada, com identidade cultural.

É possível dizer que o artefato artesanal traduz a complexidade do contexto em que foi produzido, compartilha saberes, ressignificando valores e processos, tornando-se parte atuante do próprio desenvolvimento da cultura. Por tudo isso, o presente trabalho pretende utilizar o artesanato, mais precisamente a técnica do crochê, para produzir um mobiliário que não seja apenas funcional. Mas que agregue identidade cultural ao produto.

Na infância, se torna necessário o contato com diferentes texturas, materiais, cores e formas que possibilitem a experimentação e investigação de um universo a ser explorado. Ao pensar nesse sentido a utilização de materiais naturais, o fazer manual e a integração com a cultura regional é uma oportunidade rica de levar para a criança um universo a ser conhecido. Assim, no presente estudo pretende-se relacionar o fazer artesanal por meio da utilização da técnica de crochê aplicado no projeto de um mobiliário infantil.

1.2. OBJETIVOS

A seguir estão descritos os objetivos do trabalho desenvolvido.

1.2.1. Objetivo geral

Aliar conhecimentos do design e do fazer manual do crochê por meio do desenvolvimento de um mobiliário para o universo infantil.

1.2.2. Objetivos específicos

- Pesquisar sobre a forma de expressão artesanal do crochê, suas possíveis origens, materiais, instrumentos e usos através do tempo;

- Refletir sobre as potencialidades da técnica do crochê para além da ideia de que essa renda é “coisa do passado”;

- Conhecer exemplos de artesãos e designers que já tomam as redes sociais com vídeo aulas e lojas, principalmente de vestuário feminino, e incentivar a utilização de tais ferramentas para difundir o uso do crochê na confecção de produtos decorativos e funcionais;

- Desenvolver projeto de mobiliário para o universo infantil utilizando o crochê em sua configuração formal.

1.3. JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pelo intuito de valorizar os conhecimentos passados de geração em geração, nesse caso o fazer manual do crochê. Pretende-se enfatizar

que mesmo uma técnica antiga pode se transformar em algo novo, sem perder de vista a sua identidade. O intuito é aplicar uma ou várias técnicas dessa renda em um mobiliário infantil, que além de funcional, seja seguro, estimulante, e ajude na formação da memória afetiva de seus usuários, as crianças.

Cabe mencionar que o presente estudo visa contribuir para o desenvolvimento das crianças, através da interação com o objeto, através do uso de cores vibrantes e texturas criadas para estimulá-las. Assim, a criação do produto tem como base as pesquisas teóricas sobre mobiliário infantil, artesanato, ergonomia, materiais, estudo de cores e, é claro, o desenvolvimento prático do crochê de uma maneira inovadora.

A partir da aplicação de todos estes conceitos, espera-se que o produto esteja preparado para atender as necessidades e expectativas das crianças de forma a contribuir também com o seu desenvolvimento saudável. Todos os mínimos detalhes deverão ser pensados e aplicados para garantir o bom funcionamento, segurança e diversão do público-alvo.

1.4. METODOLOGIA

Este trabalho terá como base metodológica a pesquisa qualitativa, que de acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (Minayo, 2012, p. 21), responde a questões particulares e se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Este tipo de pesquisa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes (Minayo, 2012, p. 21).

Segundo Denise Tolfo e Fernanda Peixoto (Silveira, 2009, p. 31), esse tipo de pesquisa não tem a preocupação com a representatividade numérica, ela tem o objetivo de aprofundar a compreensão de um grupo social ou organização. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa, opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências e utilizam métodos que buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito. Na pesquisa qualitativa, o cientista é o sujeito e o objeto de sua pesquisa. (Silveira, 2009, p. 31).

Quanto à natureza, a metodologia utilizada será a aplicada, que tem como objetivo gerar conhecimentos para a aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Esse tipo de abordagem envolve interesses e verdades locais (Silveira, 2009. p. 35). Levando-se em consideração que esse tipo de pesquisa resulta em uma aplicação prática, podemos então dizer que, neste caso, contribui para a construção de produtos esteticamente aceitos e que podem ser utilizados no campo do Design.

Um outro ponto relevante na elaboração desta pesquisa é proporcionar um maior conhecimento sobre a técnica escolhida para a produção do produto, neste caso o crochê.

Dessa maneira faz-se necessário a utilização da pesquisa de forma exploratória, por meio da técnica de levantamento bibliográfico (Silveira, 2009, p. 36). A utilização de pesquisa por meio de bibliografia especializada é feita a partir de livros, artigos e textos publicados virtualmente. O levantamento bibliográfico realizado visa uma melhor compreensão sobre o crochê e todas as suas potencialidades, e tem caráter fundamental na construção de um produto que una o universo do design de produtos ao do design de interiores, proporcionando a criação de um produto inovador e que atenda a essas duas vertentes do design. Para atingir tal objetivo serão utilizados exemplos de artesãos, artistas, designers que utilizam o crochê como base para seus trabalhos.

Além disso, como o objetivo específico final deste trabalho é o desenvolvimento de um produto a nível de protótipo, faz-se necessário uma organização do presente documento respeitando-se as etapas sequenciais propostas e a metodologia projetual programada coerente. Assim, a primeira parte da pesquisa faz menção ao referencial teórico e está compreendida no Capítulo 2. Essa primeira fase da pesquisa subsidiará o conceito do projeto que está compreendido na segunda parte do trabalho descrito no Capítulo 3 que tem caráter projetual e relaciona-se as etapas do desenvolvimento do projeto do produto baseado em Löbach (2001). Além do conceito, esta etapa apresenta briefing, ambiente, persona, painel semântico, pesquisa de mercado, modelagens virtuais e fases de prototipagem.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nessa fase da pesquisa será abordado o referencial teórico que contribuiu com a construção do conhecimento sobre o contexto histórico do artesanato, das origens e evolução do crochê bem como considerações sobre o mobiliário infantil.

2.1. ARTESANATO

Em *Design + Artesanato, O Caminho Brasileiro*, Adélia Borges nos traz a definição de artesanato utilizada pela Unesco em 1997:

Produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente a mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça com componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias-primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social. (Borges, 1997, p. 21)

Mas Borges (1997) enfatiza que esta definição está muito distante de outras que são mais utilizadas por aqui. No dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* por exemplo, artesanal é aquilo feito sem muita sofisticação, rústico. Por sua vez, o *Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa*, em uma de suas definições coloca o artesanato como algo que é feito através de meios rudimentares, às vezes sem qualquer método e que apresenta feitura grosseira. Estas definições depreciativas presentes comumente nos dicionários da língua portuguesa, são vistas de uma forma bem diferente em dicionários de outras línguas. No *The Concise Oxford Dictionary of Current English* por exemplo, *Craft* significa “fazer de maneira habilidosa”. No *Le Grand Robert de La Langue Française*, *artizan* é uma ocupação manual que exige qualificação profissional.

E o preconceito com o artesanal aqui no Brasil vai muito além das definições nos dicionários, ele reflete a desvalorização das elites em relação as camadas subalternas. Mas é claro que existem outros fatores para essa visão sobre o artesanato. Enquanto na Itália, no Japão e em países escandinavos o design erudito e o industrial se desenvolveram a partir da tradição artesanal, no Brasil essas atividades foram colocadas em mundos opostos. Por aqui houve uma ruptura com o saber ancestral. A herança dos nossos artefatos foi totalmente desconsiderada e desvalorizada num período que sucedeu a chegada dos

portugueses e durante os fluxos migratórios vindos de países europeus. Houve um desejo de abolir o objeto feito à mão em prol do feito à máquina, obedecendo uma visão de que a tradição da manualidade era parte do passado de atraso, subdesenvolvimento e pobreza e que as máquinas nos fariam superar esse tempo.

Acreditava-se que para o Brasil ser visto como uma nação desenvolvida, melhor seria acabar de vez com práticas empíricas e substituí-las pelo novo de forma racional nos princípios da Ciência, Técnica e Metodologia (Borges, 2011, p. 31). Assim, em nosso país a ideia racionalista europeia, pós-revolução Industrial, de que a máquina liberaria o homem da escravidão, veio com muita força. Somente em meados da década de 1980, os designers iniciaram um movimento ainda tímido em direção ao interior do país em busca da revitalização do artesanato. E não apenas esses profissionais buscaram se aproximar do artesanato, mas também antropólogos, assistentes sociais, educadores etc. Neste mesmo período, não por acaso, o país passa a respirar novos ares com a promulgação da Constituição em 1988. E esse novo ciclo além de restabelecer os direitos políticos, também restabelece a liberdade de ir e vir, de se reunir e de se manifestar, o que faz florescer a cultura no país. (Borges, 2011, p. 45).

Entre os nomes que iniciaram essa reaproximação, podemos citar os designers Renato Imbroisi e Heloisa Crocco, na condução de oficinas de revitalização do artesanato, a arquiteta Janete Costa, na divulgação e promoção do trabalho artesanal, os professores Lia Monica Rossi e José Marconi Bezerra de Souza, na academia e a Coopa-Roca (Cooperativa de Trabalho Artesanal e de Costura da Rocinha), como uma iniciativa local. (Borges, 2011, p. 47).

Uma outra iniciativa importante para o artesanato brasileiro, foi a criação, pelo decreto de 21 de março de 1991, do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB). Originalmente vinculado ao Ministério da Ação Social, o PAB passou a ser vinculado em 1995 ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Ele coordena e desenvolve atividades que valorizam o artesão brasileiro, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, além de desenvolver e promover o artesanato e a empresa artesanal. (Programa do Artesanato Brasileiro).

Graças a essas e tantas outras iniciativas, que o Brasil e o mundo podem conhecer o artesanato tão rico de diversas regiões do país.

2.2. CROCHÊ

Diferente de outros trabalhos manuais como tricô, bordado e tecelagem, que podem ter suas origens datadas graças a achados arqueológicos, referências escritas e representações pictóricas, o crochê não dá nenhuma pista de onde começou. A especialista em crochê, a americana Annie Potter nos afirma que: “A arte moderna do verdadeiro crochê como a conhecemos hoje foi desenvolvida durante o século XVI. Tornou-se conhecida como 'renda de crochê' na França e 'renda de corrente' na Inglaterra.” (Potter, 1990 apud Marks, Ruthie 1997, online) Ela explica que em 1916 o médico e antropólogo Walter Edmund Roth, em visita a descendentes dos índios da Guiana, encontrou exemplos de crochê.

Já a escritora e pesquisadora dinamarquesa, Lis Paludan (1995, apud Marks, Ruthie 1997 online), que buscou as origens do crochê apenas pela Europa, apresenta três teorias possíveis: a) A de que o crochê nasceu na Arábia e se espalhou até o leste do Tibete e oeste da Espanha, seguindo as rotas comerciais árabes, e daí seguiu para outros países do Mediterrâneo; b). A de que o crochê surgiu na América do Sul, onde possivelmente uma tribo primitiva usava adornos feitos de crochê em ritos de puberdade e c). A de que teria surgido na China, onde foram confeccionadas as primeiras bonecas tridimensionais trabalhadas em crochê. E mesmo apresentando todas essas teorias sobre as possíveis origens da técnica, Paludan (1995, apud Marks, Ruthie 1997 online) admite que não há “nenhuma evidência convincente sobre quão antiga a arte do crochê pode ser ou de onde ela veio”. Ela encontrou relatos de diversas fontes afirmando que o crochê já era conhecido desde os anos 1500 na Itália sob o nome de 'trabalho de freira' ou 'renda de freira'. A denominação se dava porque as freiras confeccionavam tecidos para as igrejas.

Em sua pesquisa, Paludan (1995, apud Marks, Ruthie 1997 online) sugere que “o crochê provavelmente se desenvolveu mais diretamente do bordado chinês, uma forma muito antiga de bordado conhecida na Turquia, Índia, Pérsia e Norte da África, que chegou à Europa em 1700 e foi chamado de "pandeyro", do francês "tambour" ou tambor. Nesta técnica, um tecido era esticado em uma moldura também conhecida como bastidor. A linha trabalhada era mantida embaixo do tecido. A agulha com um gancho na ponta era então inserida para baixo puxando um laço do fio através do tecido. Com o laço ainda no gancho, o gancho era então

inserido um pouco mais longe e outro laço da linha era trabalhado através do primeiro laço para formar o ponto de corrente. Os ganchos utilizados no tambor eram tão finos quanto agulhas de costura, o que obrigava a artesã utilizar linha muito fina.

Figura 1: Dama fazendo crochê de tambor.



Fonte: Carington Bowles, 1764. Disponível em:

<https://i.pinimg.com/1200x/11/91/96/119196fe3893d00256c2a00e712ace6b.jpg>

Somente no final do século XVIII, o tambor evoluiu para o que os franceses chamavam de "crochê no ar", quando o tecido de fundo foi então descartado e o ponto funcionava por conta própria, como conhecemos hoje. O crochê começou a aparecer na Europa no início de 1800 e recebeu um impulso pelas mãos de Eléonore Riego de la Branchardière, considerada a mãe do crochê moderno, ela era capaz de pegar desenhos de renda de agulha e bobina de estilo antigo e transformá-los em padrões de crochê que poderiam ser facilmente duplicados. Branchardière publicou muitos livros de padrões para que milhões de mulheres pudessem começar a copiar seus designs. Ela dizia ter inventado o crochê "semelhante a rendas", hoje chamado de crochê irlandês. (Paludan, 1995, apud Marks, Ruthie 1997, online)

Figura 2: Eléonore Riego de la Branchardière (a mãe do crochê moderno).



Fonte: R. Clay, Son(s), and Taylor (London), 1847. Disponível em:
<<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/356209>>

A partir desse panorama geral sobre a renda crochê, a seguir destacam-se tipos de crochês existentes.

2.2.1. Tipos de crochê















O crochê é uma técnica artesanal que possibilita a criação de peças utilizando apenas fios e uma agulha com um gancho. Falando assim parece uma arte fácil e simples, mas apresenta vários níveis de dificuldade. Versátil, o crochê pode ser utilizado na confecção de uma ampla variedade de itens, desde roupas e acessórios até joias e obras de arte. Neste tópico da pesquisa serão apresentadas algumas dos tipos mais conhecidos e como podem ser aplicados.

2.2.1.1. Tradicional

Além de ser a base de todos os outros estilos de crochê, ele também é o mais conhecido e praticado ao redor do mundo. Feito com uma única agulha de crochê, utiliza uma variedade de pontos básicos, como o ponto baixo, ponto alto, ponto baixíssimo e correntinha. Esses pontos formam a estrutura essencial para criar uma infinidade de peças, desde as mais simples até as mais elaboradas. A flexibilidade dessa técnica permite que o artesão trabalhe com diferentes tipos de fios e linhas, adaptando o crochê ao seu estilo e necessidade.

A grande vantagem do crochê tradicional é que ele é acessível tanto para os artesãos iniciantes quanto os mais experientes.

Figura 3: Simbologia dos pontos básicos do crochê.

	Correntinha (corr)	
	Ponto Baixíssimo (pbx)	
	Ponto baixo (pb)	
	Meio ponto alto (mpa)	
	Ponto alto (pa)	
	Ponto alto duplo (pad)	
	Ponto alto triplo (pat)	

Fonte: Pinterest, 2025. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/397442735869497215/>>

2.2.1.2. Tunisiano

O crochê tunisiano é também conhecido como crochê afegão e utiliza a combinação do crochê tradicional com o tricô. Essa mistura resulta em peças com textura mais fechada e robusta.

Figura 4: Manta feita em chochê Tunisiano.



Fonte: Decorfácio, 2025. Disponível em: <<https://www.decorfacil.com/croche-tunisiano>>

2.2.1.3. De Grampo

O crochê de grampo é uma técnica que utiliza um tear de grampo, para criar laçadas longas e finas. Estas laçadas são depois unidas com pontos de crochê tradicional para formar tecidos.

Figura 5: Peça iniciada em crochê de Grampo.



Fonte: Blog De Frente para o mar, 2025. Disponível em: <<https://defrenteparaomar.com/modelos-e-pontos-do-croche-de-grampo/>>

2.2.1.4. Irlandês

O crochê irlandês é famoso por suas rendas trabalhadas e pelos motivos florais, usados muitas vezes para criar peças de vestuário e acessórios de alta moda. Também se caracteriza por padrões muito detalhados e finos

Figura 6: Vestido de noiva de crochê Irlandês.



Fonte: Wanelo E-commerce, 2025.. Disponível em: <<http://br.pinterest.com/pin/389702173989083335/>>

2.2.1.5. Bavarian

O crochê Bavarian é uma técnica que cria padrões em relevo com blocos coloridos e texturas tridimensionais.

Figura 7: Almofada de crochê Bavarian.



Fonte: My Crochet Patterns, 2021. Disponível em: <<https://diecorr.blogspot.com/2021/05/bavarian-crochet-baby-blanket.html>>

2.2.1.6. C2C (corner to corner)

É trabalhado na diagonal e ideal para criar padrões geométricos e imagens pixeladas.

Figura 8: Manta de crochê C2C.



Fonte: Blog Hooked Hazel, 2025. Disponível em: <hookedhazel.com>

2.2.1.7. Broomstick Lace

Utiliza uma agulha grande, parecida com um cabo de vassoura, para formar laçadas largas e soltas. O resultado é um tecido leve e arejado.

Figura 9: Peça iniciada em crochê Broomstick.



Fonte: Blog The Purple Poncho, 2021. Disponível em: <<https://www.thepurpleponcho.com/broomstick-lace/>>

2.2.1.8. Escocês

Tem esse nome porque cria padrões em xadrez, tipo de estampa característica do vestuário escocês.

Figura 10: Manta de crochê Escocês.



Fonte: Canal do Youtube Labores de Carmen, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cVS97bHOQwk&t=37s>>

2.2.1.9. Filé

O crochê filé é caracterizado por padrões geométricos e detalhes vazados que lembram rendas.

Figura 11: Almofada de crochê Filé.



Fonte: Blog Portal dos crochês, 2012. Disponível em:

<https://portaldoscroches.blogspot.com/2012/03/almofadas-quadradas-de-croche-file.html>

2.2.1.10. Freeform

É uma abordagem artística que não segue padrões e combina diferentes pontos, texturas e cores para criar peças únicas e abstratas.

Figura 12: Xale de crochê Freeform.



Fonte: Pinterest.com, 2025. Disponível em: <https://dk.pinterest.com/pin/325033298130092061/>

2.2.1.11. Amigurumi

Técnica japonesa de criar pequenos bonecos e figuras tridimensionais em crochê.

Figura13: Amigurumi do personagem infantil Stitch.



Fonte: Blog Amigurumim, 2025. Disponível em:

<https://crowdconnection.blogspot.com/2024/05/crochet-amigurumi-stitch-patterns-lilo.html>

2.2.1.12. Jacquard

Utiliza várias cores de fio para criar padrões complexos e coloridos.

Figura 14: Amostras de crochê Jacquard.



Fonte: Blog Plaisirsdaiguille, 2025. Disponível em: <<https://www.modelecrochet.fr/grille-jacquard-crochet>>

2.2.1.13. Granny square

Pequenos quadrados de crochê, trabalhados de dentro para forma e que unidos formam peças maiores.

Figura 15: Gráfico e uma amostra de square (quadrado da vovó).



Fonte: Blog Croche Console, 2025. Disponível em <https://crochetconsole.com/cuadrado-granny-a-crochet-paso-a-paso/#google_vignette>

2.3. AS POTENCIALIDADES DO CROCHÊ

O crochê da vovó, aquele dos quadrinhos (squares) coloridos, dos paninhos, biquinhos e toalhas de mesa, vem se transformando através do tempo e ganha cada vez mais espaço na alta moda, no design e em extraordinárias criações de artistas pelo mundo. Aqui no Brasil, algumas artesãs buscaram na técnica aprendida com suas mães e avós, um meio não apenas de ganhar dinheiro, mas de empoderamento e de incentivo a outros artesãos de verem o fazer manual como algo que pode mudar suas vidas.

Marie Castro é um desses exemplos de como boas ideias e o uso inteligente das redes sociais pode levar o artesão por caminhos nunca percorridos. Marie é criadora de conteúdo DIY, o famoso “faça você mesmo”, e empreendedora. O trabalho dela já se tornou reconhecido mundialmente dentro desse nicho. Desde o início das postagens de tutoriais no Youtube, em 2015, ela já conseguiu reunir mais de 600 mil seguidores inscritos. No Instagram já são quase 580 mil.

Figura 16: Instagram Marie Castro



Fonte: Perfil oficial Marie Castro no Instagram, 2025.

Figura 17: Tutoriais no Youtube



Fonte: Canal Marie Castro, 2025. Disponível em:

https://www.youtube.com/results?search_query=marie+castro

Atualmente, Marie segue expandindo seus negócios como co-fundadora e CEO do Moira, que é uma retailtech para o artesanato. Por meio do app artesãos podem encontrar produtos, se conectar com outras pessoas e vender. Mais Recentemente foi criada uma comunidade no Whatsapp para troca de informações entre artesãos e que recebe o mesmo nome do aplicativo.

Figura 18: Instagram Plataforma Moira



Fonte: Comunidade Moira, 2025. Disponível em: <<https://www.somosmoira.com.br>>

Uma outra jovem artesã e criadora de conteúdo digital, que segue esta mesma linha é Cíntia Nicolau. Com vídeos mais recentes no YouTube e no Instagram ela vem com uma pegada mais colorida e vibrantes e tem ganhado os corações do público mais jovem.

Figura 19: Cíntia Nicolau



Fonte: Canal oficial Cíntia Nicolau, 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@cintianicolaucraft>>

Mas nem só de tutoriais e gráficos vendidos na internet vivem as crocheteiras modernas. Algumas delas viram no crochê o caminho para a alta moda e se tornaram sucesso nas passarelas. A designer Vanessa Montoro é uma dessas

visionárias. Lançou sua própria marca há mais de 20 anos, baseada em valores éticos e sempre considerou o luxo e a sustentabilidade como aliados naturais.

Figura 20: Crochê passado de geração em geração.



Fonte: Site oficial Vanessa Montoro, Handmade Love, 2025.

<<https://www.vanessamontoro.com/marca>>

Vanessa aprendeu o crochê com a avó, e desenha peças que são feitas por artesãs em seda. Os fios são tingidos com pigmentos naturais como café, espinafre, urucum, erva-mate e beterraba. Dessa forma ela alia nostalgia,

sofisticação e sustentabilidade e tem contribuído com a forma como as pessoas veem o crochê.

Figura 21: Detalhe de um vestido feito de seda.



Fonte: Site oficial Vanessa Montoro, Handmade Love, 2025.

<<https://www.vanessamontoro.com/marca>>

Figura 22: Vanessa Montoro e uma das artesãs que confeccionam suas peças.



Fonte: Site oficial Vanessa Montoro, Handmade Love, 2025.

<<https://www.vanessamontoro.com/marca>>

Trabalhar com o bicho-da-seda já é um desafio. O inseto é frágil e se alimenta exclusivamente de folha de amoreira sem agrotóxico, senão morre. Ou seja, ele é o próprio auditor da natureza. (Montoro, 2025, online)

No design podemos destacar Alessandra Roveda. Nascida em Milão, Roveda é formada em design industrial e tem no crochê seu ofício. Um de seus

trabalhos mais conhecidos foi exposto no Salão do Móvel de Milão 2019, onde a marca italiana Missoni a convidou para criar um espaço multicolorido em que cada peça dos cômodos de uma casa foi envolta por crochê multicolorido, usando é claro as estampas icônicas da marca italiana.

Figura 23: Ângela Missoni e Alessandra Roveda.



Fonte: Mariana Conte, 2019. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Design/Feiras/Salao-do-Movel-de-Milao/noticia/2019/04/milao-2019-missoni-cria-uma-casa-multicolorida-de-croche.html>>

Figura 24: Espaço Missoni criado por Alessandra Roveda.



Fonte: Mariana Conte, 2019. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Design/Feiras/Salao-do-Movel-de-Milao/noticia/2019/04/milao-2019-missoni-cria-uma-casa-multicolorida-de-croche.html>>

E é claro que o crochê também ganha destaque na arte. O brasileiro Ernesto Neto se tornou famoso pelo trabalho em crochê que mescla instalação e escultura. Suas obras remetem a organismos vivos e convidam o público a experimentar encontros entre homem e natureza. Ele trabalha o crochê por meio de materiais naturais como algodão, madeira, argila e até mesmo folhas ou especiarias. As instalações de Ernesto chamam atenção pelo equilíbrio das obras em relação à gravidade, muitas vezes compostas por redes e membranas que também carregam referências simbólicas à natureza. O trabalho de Ernesto já foi exposto ao redor do Brasil e do mundo.

Figura 25: Instalação de Ernesto Neto em Paris.

Ernesto Neto ocupa a Le Bon Marché Rive Gauche com serpente de crochê em instalação surpreendente

A obra do artista brasileiro é uma reinterpretação do mito de Adão e Eva e está localizada na Le Bon Marché Rive Gauche

Por Redação

23/01/2025 06h00 · Atualizado há 2 meses



Fonte: Casa Vogue, 2025. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/lazer-e-cultura/arte/noticia/2025/01/le-bon-marche-rive-gauche.ghtml>>

Figura 26: Ernesto Neto.



Fonte: Casa Vogue, 2025. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/lazer-e-cultura/arte/noticia/2025/01/le-bon-marche-rive-gauche.ghtml>>

E como não falar da obra da artista têxtil Toshiko Horiuchi? Toshiko e o marido fundaram a Interplay Design and Manufacturing Inc na Nova Escócia, Canadá, em 1990 para desenvolver o conceito de ‘esculturas’ lúdicas. A mais conhecida delas está num parque nacional localizado em Tóquio e já ganhou prêmio de design em 1992. Com estrutura forte, o design inovador permite que as crianças não apenas admirem a obra, mas brinquem, toquem e experimentem todos os sentidos.

Figura 27: Arte têxtil de Toshiko Horiuchi.



Fonte: This is paper. The Woods of Net by Tezuka Architects. Disponível em: <<https://www.thisispaper.com/mag/woods-of-net-tezuka-architects-japan-hakone>>

Figura 28: Arte têxtil de Toshiko Horiuchi no Museu de Hakone, no Japão.



Fonte: This is paper. The Woods of Net by Tezuka Architects. Disponível em: <<https://www.thisispaper.com/mag/woods-of-net-tezuka-architects-japan-hakone>>

Figura 29: Toshiko Horiuchi.



Fonte: This is paper. The Woods of Net by Tezuka Architects. Disponível em: <<https://www.thisispaper.com/mag/woods-of-net-tezuka-architects-japan-hakone>>

E de volta ao Brasil podemos citar Anne Galante que aprendeu a técnica do crochê como a maioria dos artesãos, aos 12 anos. Anne é fundadora da Escola de Artes Manuais e criou a marca Senhorita Galante, uma rede de tricoteiras e crocheteiras, que buscam a autonomia financeira.

Figura 30: Canal de Anne Galante.



Fonte: Canal oficial Anne Galante, 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@AnneGalante>>

Figura 31: Instalação de crochê gigante em São Paulo.

Anne Galante cria crochê gigante para embalar prédio em São Paulo

Expert na arte é uma das atrações do Nu Festival, promovido pelo Nubank em São Paulo

Por Da Redação

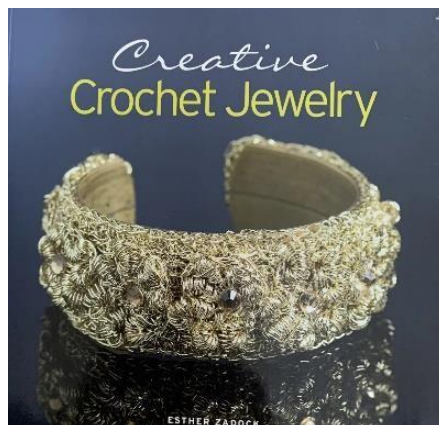
08/11/2017 18h47 · Atualizado há 7 anos



Fonte: Casa Vogue, 2017. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/lifestyle/noticia/2017/11/anne-galante-cria-croche-gigante-para-embalar-predio-em-sao-paulo.ghtml>>

Um segmento pouco conhecido da grande maioria das pessoas é a das joias de crochê produzidas com fios de metal.

Figura 32: Joia de crochê



Fonte: Crocheted Flower Cuff by Esther Zadock, 2010. Disponível em: <
<https://www.ravelry.com/patterns/library/crocheted-flower-cuff>>

Um dos fatos mais inusitados durante a elaboração da pesquisa foi a descoberta de dois municípios brasileiros que se intitulam ‘capitais do crochê’.

Em Barbosa Ferraz, no Paraná, três em cada dez pessoas vivem da produção da renda. O município que já foi conhecido pela produção de menta, viu a sua população diminuir ano após ano quando essa produção deixou de ter relevância no município. A busca por novos negócios levou ao investimento no crochê, que hoje é vendido para todo o Brasil.

Figura 33: Crocheteiras de Barbosa Ferraz, PR.



Fonte: Prefeitura de Barbosa Ferraz, 2023. Disponível em: <www.comunicação.pr.gov.br>

O município de Inconfidentes, é um dos maiores produtores de crochê, malhas, fios, fibras e tapetes do Sul do Minas Gerais. O modo de fazer crochê foi tombado como Patrimônio Cultural do Estado de Minas Gerais através da lei Nº 22896, DE 11/01/2018. A cidade integra o Circuito Turístico das Malhas, sendo uma das maiores produtoras de malhas e de crochê do Estado.

Figura 34: Árvores recobertas de Crochê da Av. Alvarenga Peixoto, Inconfidentes MG.



Fonte: Prefeitura de Inconfidentes MG, 2025. Disponível em:<<https://inconfidentes.mg.gov.br/o-municipio/turismo-e-lazer/>>

2.4. DESIGN DE INTERIORES E DESIGN DE PRODUTO

Mirian Gurgel, nos traz um panorama bem interessante sobre o design de interiores. Ela nos explica que existe uma relação muito próxima entre o design e a arte, então ele é o produto de um processo criativo que utiliza espaço, forma, linhas, texturas, padronagens, bem como luz e cor para solucionar problemas e atingir metas. (Gurgel, 2017. p. 27).

Durante o processo criativo, deve-se considerar princípios básicos, mas fundamentais, como equilíbrio, ritmo, harmonia, unidade, escala e proporção, contraste, ênfase e variedade.

Para Mirian Gurgel, o resultado projetual final será fortemente influenciado por sua função, pelos materiais utilizados com suas características próprias, pela tecnologia disponível e, ainda, por um fator novo: a preocupação com a ecologia e

a sustentabilidade. A tecnologia é a responsável pela criação, explicação e utilização de diferentes materiais e processos construtivos, possibilitando soluções diferentes e até mesmo inusitadas.

O primeiro passo para um bom design é nossa capacidade de alterar paradigmas, conceitos e preconceitos, mantendo a mente aberta a soluções desconhecidas e inovadoras. Design não é sobre “sua” ideia ou “seu” conceito preestabelecido sobre as coisas. Design é sobre necessidades e soluções criativas e apropriadas para elas. (Gurgel, 2017. p. 28).

E já que estamos falando em rompimento de paradigmas, podemos então citar Donald Norman, em Design Emocional. Ele afirma que o design possui três dimensões: visceral, comportamental e reflexiva. Apesar serem muito diferentes, elas estão sempre entrelaçadas em qualquer design. Para ele é impossível que o design exista sem a presença das três. Mas o mais importante é a relação delas que misturam ao mesmo tempo emoção e cognição (Norman, 2008. p. 26).

Existe uma tendência do ser humano em antagonizar a emoção e a cognição. Para o senso comum a emoção é quente, animalésca e irracional, já a cognição é fria, humana e lógica. Para Norman isso é uma tolice, emoção e cognição andam juntas e se completam. E é justamente isso que guia os designers para um comportamento apropriado para que possam criar objetos que evoquem sentimentos como amor, apego e felicidade.

Esta definição nos leva para o campo das emoções e dos bons sentimentos, que temos a intensão de despertar. O desenvolvimento de um novo produto consiste em um conjunto de ações por meio das quais se busca, a partir de um problema ou necessidade, criar um produto adequado que atenda os diversos fatores: tecnológicos, ergonômicos, funcionais etc. e que satisfaça cliente, usuário, processo de manufatura etc. (Pazmino, 2015, p. 18-19).

O grau de complexidade é um fator de fundamental importância para o projeto de produtos. Essa escala de complexidade depende de características funcionais, semânticas, usabilidade, fabricação, tecnologia, entre tantas outras. Produtos de baixa complexidade ou simples podem ser produzidos por meio industrial ou artesanal e geralmente são desenvolvidos rapidamente, os de média complexidade são produzidos pela indústria e normalmente levam mais tempo até chegarem ao consumidor, e os de alta complexidade, produzidos industrialmente,

precisam inclusive de uma equipe multidisciplinar para que o resultado seja atingido. (Pazmino, 2015. p. 19).

A produção de novos produtos requer pesquisa, planejamento cuidadoso, controle meticuloso e o mais importante, o uso de métodos sistemáticos. É um casamento entre ciências sociais, tecnologia e arte. (Baxter, 2011. p. 19).

2.5. DESIGN E MOBILIÁRIO INFANTIL

De uma forma bem simples e direta, podemos definir os mobiliários infantis como fixos ou móveis, desenhados para crianças, respeitando os princípios ergonômicos e anatômicos, para assessorá-las da forma mais adequada. Seguindo essa ideia, identificamos então dois tipos de móveis: 1. aqueles que facilitam a relação entre o cuidador e a criança e 2. Os que permitem que a criança os utilize de forma independente. A grande diferença entre esses dois tipos de mobiliários é que os primeiros possuem dimensões que se adaptam à ergonomia do adulto, já no segundo caso os mobiliários são projetados para atender às necessidades ergonômicas da criança, em cada etapa de seu desenvolvimento. E como o crescimento das crianças ocorre de forma relativamente rápida, é comum que os móveis deste segundo grupo sejam multifuncionais ou mesmo extensíveis (Migliani, 2014, online).

De acordo com a arquiteta e urbanista, Audrey Migliani, em seu artigo “A Escala Das Crianças - Breve Histórico Sobre Mobiliários Infantis”, há registros de que no Egito Antigo a cama foi o primeiro mobiliário projetado com as dimensões adequadas para crianças pequenas. A peça só diferia da cama de adulto no tamanho. Já na Grécia Antiga, esse primeiro registro de um mobiliário infantil, tratava-se de um vaso posicionado sobre uma base alta com espaços para posicionar as pernas, uma de cada lado, onde a criança poderia permanecer segura e limpa enquanto era supervisionada de longe. Um outro registro muito importante se deu no período renascentista, quando as famílias burguesas começaram a utilizar prateleiras à altura das crianças, com o principal o objetivo de organizar os livros escolares. Só por volta do final do século XIX, pode-se encontrar alguns registros de cadeiras de alimentação e de moisés para bebês desenhados por Michael Thonet, especialista em madeiras curvadas.

Figura 35: Cadeira de alimentação de Michael Thonet.

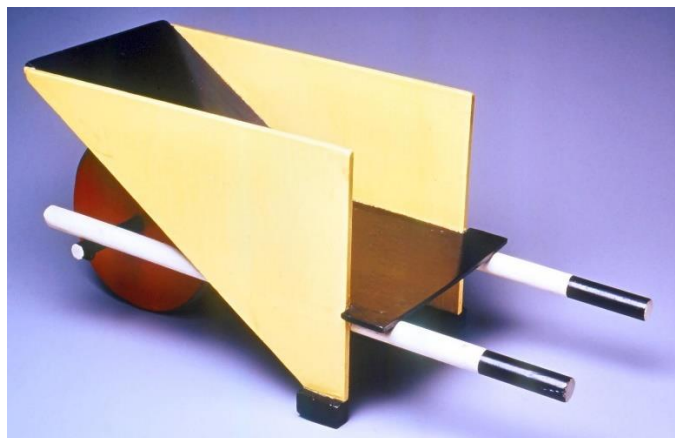


Fonte: Cutterman Company, 2025. Disponível em:

<https://www.cutterman.co/produto/cadeirathonet-infantil-1493?srsId=AfmBOoprYeD1kDjw1osrmBiHx0ZTqaPAW8KW07wnJPYWIq3EzWvTxubH>

No entanto, foi apenas no século XX que o mobiliário infantil passou a ser pauta de importantes designers. Nesse período parte dos integrantes da Bauhaus fizeram suas propostas de mobiliários para crianças, dentre eles: Gerrit Rietveld, Marcel Breuer, Peter Keler, Alma Siedhoff-Buscher, Erich Dieckmann e Kristian Solmer Vedel (Migliani, 2014, online).

Figura 36: Carroça infantil, Gerrit Rietveld, 1922, MoMA, New York.



Fonte: Brooklyn Museum photograph, 2025. Disponível em: <

<https://www.brooklynmuseum.org/pt-BR/objects/163364>>

Figura 37: Móvel tubular Thonet.



Fonte: Photo from the Marcel Breuer Digital Archives, 2016. Disponível em: <<https://thekinderjournal.com/archive-icons-2>>

Figura 38: Berço, Peter Keler, 1922.



Fonte: Bauhaus Movement, 1970. Disponível em: <https://v5.bauhaus-movement.com/bauhaus-cradle/>

Figura 39: Armário de brinquedos infantis, Alma Siedhoff-Buscher.



Fonte: @GermanyinUSA, 2019. Disponível em: < <https://germanyinusa.com/2019/03/29/women-of-the-bauhaus-agma-siedhoff-buscher-1899-1944/>>

Figura 40: Cadeira infantil Kristian Solmer Vedel Orskow & Co Dinamarca, 1957.



Fonte: MMD Design, 2025. Disponível em: <<https://midmod-design.com/product/kristian-solmer-vedel-kids-chair-orskow-cdenmark1957/>>

E foi apenas após os anos de 1930, que a pedagogia científica de Maria Montessori, intensificou a importância de mobiliário para crianças.

Comecei, pois, a estudar um padrão de mobília escolar que fosse proporcionada à criança e que correspondesse à sua necessidade de agir inteligentemente. (Montessori, 2017, p. 51).

Em seu livro "*A descoberta da Criança*", a médica-pedagoga narra o momento em que decidiu resolver a dificuldade de encontrar mobília dimensionada à escala das crianças no ambiente escolar:

Mandei construir mesinhas de formas variadas, que não balançassem, e tão leves que duas crianças de quatro anos pudessem facilmente transportá-las; cadeirinhas, de palha ou de madeira, igualmente bem leves e bonitas, e que fossem uma reprodução, em miniatura das cadeiras de adultos, mas proporcionada às crianças. Encomendei poltroninhas de madeiras com braços largos e poltroninhas de vime, mesinha quadradas para uma só pessoa, e mesas com outros formatos e dimensões, recobertas com toalhas brancas, sobre as quais seriam colocados vasos de folhagens ou de flores. Também faz parte dessa mobília uma pia bem baixa, acessível às crianças de três ou quatro anos, guarnecida de tabuinhas laterais, laváveis, para o sabonete, as escovas e a toalha. Todos esses móveis devem ser baixos, leves e muito simples. Pequenos armários, fechados por cortina ou por pequenas portas, cada um com sua chave própria; a fechadura, ao alcance das mãos das crianças, que poderão abrir ou fechar esses móveis e acomodar dentro deles seus pertences. (Montessori, 2017, pp. 51-52).

Assim era a Case dei Bambini, o ambiente escolar ideal para que as crianças tenham autonomia e segurança, de acordo com Montessori.

Figura 41: Case dei Bambini.



Fonte: Método Montessori, 2025.

Disponível em: <<https://www.metodomontessori.it/storia-montessori-metodo>>

Por coincidência ou não, a partir desse momento grandes nomes da arquitetura mundial começaram a se dedicar ao design de mobília para bebês e para crianças pequenas. Alvar Aalto diversos móveis entre 1932 e 1934, assim como Jean Prouvé o fez em 1937. As peças que mais são vistas em projetos de arquitetura infantil atualmente são as miniaturas das poltronas e cadeiras desenhadas pelo casal Charles e Ray Eames (Migliani, 2014, online).

Figura 42: Ambiente de estudo infantil com as cadeiras criadas pelo casal Eames.



Fonte: Casa e Construção, 2024. Disponível em: <<https://casaconstrucao.org/>>

E foi nesse período que muitos passaram a se dedicar ao estudo da ergonomia infantil e desenharam pensando, com mais profundidade, na escala humana das crianças. Alguns dos nomes mais importantes são: Marcel Gascoin, Harry Bertoia, Arne Jacobsen, Alexander Begge, Bruno Munari, Peter Opsvik (Tripp Trapp, Mini-max, Multi Balans, Balans, Globe Garden), Philippe Starck (Miniskool e Loulou Ghost), Karim Rashid, entre tantos outros (Migliani, 2014, online).

Figura 43: "Habitáculo", cama multifuncional para crianças desenvolvida por Bruno Munari, em 1971, que venceu o Prêmio Compasso d'Oro em 1979.



Fonte: Museo de Arte Abstracto Español Cuenca, 2022. Disponível em:
<<https://www.march.es/en/cuenca/exhibitions/bruno-munari-38242>>

Migliani explica ainda que já os primeiros registros de mobiliários para bebês tiveram como principal objetivo o aumento da segurança e a diminuição das taxas de mortalidade bastante altas na época. Por isso, passaram a ser construídos moisés, atualmente mais conhecidos como *co-sleepers* e os berços. O fato de recém-nascidos dormirem separados de seus pais diminuía o risco de sufocamentos; e os guarda-corpos dos berços diminuía o risco de quedas. A partir daí também começaram a surgir móveis mais confortáveis, com trocadores e as cadeiras altas de alimentação, utilizadas ainda hoje e que permitem que as crianças se alimentem junto à mesa, ou em separado a ela, utilizando a bandeja do próprio móvel.

Para garantir a autonomia e segurança das crianças deve-se observar sempre o dimensionamento correto dos objetos, a segurança, incluindo móveis estáveis e feitos de matérias-primas atóxicas. Cantos arredondados também devem ser observados nos mobiliários infantis, além é claro da facilidade na limpeza, que vão ajudar também os pais (Migliani, 2014, online).

Crianças não podem ser vistas como miniaturas de adultos. Tendo isto em mente devemos projetar para elas, não pensando em diminuir a dimensão dos objetos, mas levando em consideração que seu corpo e mente estão em formação e suas atividades físicas e mentais influenciam diretamente em seu crescimento e

desenvolvimento. É justamente nessa fase da vida que as crianças são mais suscetíveis às influências do meio ambiente e dos objetos que as cercam. Elas ainda não têm maturidade para entender sobre os perigos e as consequências de seus atos, assim tornam-se mais vulneráveis aos acidentes (Iida, 2016, p.707).

Para Iida, um fato que chama muita atenção é que grande parte desses acidentes ocorrem no ambiente doméstico e poderiam ser evitados com projetos adequados, de produtos, locais e processos. Quem resolve projetar para crianças deve obrigatoriamente conhecer as capacidades e as limitações delas, em cada faixa etária, e saber como se comportam. Isso envolve aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais do desenvolvimento infantil. Deve se conhecer principalmente o desenvolvimento perceptual-motor das crianças. Além disso, deve-se observar que há diferenças individuais no desenvolvimento.

Além de desenvolverem os atributos físicos, cognitivos e comportamentais muito rapidamente, as crianças também usam os produtos de maneira inesperada. Portanto, quando os produtos para crianças forem pensados e projetados, devem ter flexibilidade de adaptar-se a certa faixa etária e ser tolerante para absorver esses comportamentos diferenciados.

Todos os produtos, lugares e processos devem ser testados com o público-alvo infantil, em condições reais, pois as crianças podem fazer uso "criativo" e inesperado deles. Além disso, seu foco de interesse (atenção) pode mudar rapidamente. (Iida, 2016, p. 708).

Os adultos têm uma capacidade maior que as crianças de contornarem situações perigosas, devido à experiência, percepção e análise de riscos, por isso nunca se pode pensar em segurança infantil usando-se padrões de adultos. Muitas situações consideradas aceitáveis pelos adultos podem ser perigosas para as crianças e levá-las inclusive à morte.

Iida acredita que os adultos não estão aptos a escolherem produtos infantis, porque superestimam a maturidade e as habilidades das crianças em cada faixa etária. As próprias crianças, quando escolhem os produtos, optam por aqueles mais coloridos e que tenham as figuras de seus heróis favoritos, naturalmente sem ter consciência dos riscos (por exemplo, peças pequenas que podem ser engolidas) eventualmente envolvidos. Por isso, todos os cuidados devem ser tomados durante o projeto de produtos, lugares e processos para uso infantil.

Para elaborar projetos seguros para crianças, deve-se pensar em possíveis usos indevidos e acidentes que podem acarretar, lembrar sempre que as crianças exploram o mundo usando todos os seus sentidos, visão, audição, paladar, tato e olfato. Os pequenos costumam levar quase tudo à boca, podendo engasgar-se ou contaminar-se.

A melhor forma de prevenir acidentes é pela eliminação dos fatores de risco e isso envolve, basicamente:

- Fazer redesenhos de produtos, locais e processos, a fim de remover todos os fatores de riscos.

- Instalar produtos, acessórios ou grades de segurança para proteger as crianças ou afastá-las do perigo.

- Providenciar alarmes quando não for possível eliminar ou afastar as fontes de perigo.

Para lida é necessário criar uma “cultura” a longo prazo, com elaboração de normas, procedimentos e práticas de segurança (lida, 2016, p. 709). Além das questões de segurança, deve-se levar em consideração o crescimento físico das crianças. Esse processo não é linear, ocorrendo a velocidades diferentes em cada período. Cada indivíduo apresenta uma velocidade própria de crescimento, em cada faixa etária, com diferenças inclusive, entre meninos e meninas. Além disso, fatores como etnia, nutrição, educação infantil e exercícios físicos também influenciam. Essas dimensões antropométricas são importantes para elaborar projetos de produtos para crianças e adolescentes, tais como vestuários, calçados, brinquedos e móveis. (lida, 2016, p. 710).

3. DESENVOLVIMENTO

A criatividade é o coração do design em todos os estágios do projeto. A criação de algo realmente inovador, diferente de tudo o que se encontra no mercado é o mais excitante e desafiador (Baxter, 2011, p. 85). Tendo isso em mente, passamos para fase 2 do trabalho que é o desenvolvimento do projeto propriamente dito. Neste ponto da pesquisa vamos trabalhar etapas sucessivas misturando autores de métodos projetuais distintos. Assim, os itens estão organizados de acordo com as fases do método projetual compreendidas em: I Análise do problema onde foram explorados ferramentas envolvendo o briefing, a persona, painel semântico, conceito, painel conceitual, ambiente escolhido, pesquisa de mercado, estudo da técnica de crochê e requisitos do projeto; II) Geração de alternativas onde apresenta-se a elaboração de desenhos e mockups da alternativa escolhida e, por fim, a fase III) Realização da alternativa onde explora-se a criação modelagens virtuais, desenhos técnicos e desenvolvimento do protótipo do produto.

3.1. MÉTODO PROJETUAL

A presente pesquisa terá como base a elaboração de um mobiliário infantil, projetado a ser utilizado em um ambiente residencial. Como o enfoque não é criar um projeto de interiores, mas um produto que possa ser utilizado por crianças, a persona para o ambiente residencial será fictícia e as modelagens do mobiliário serão realizadas em ambientes já existentes. As etapas de produção serão agrupadas, mesmo que tenham sido pensadas e explicadas de forma separada. Na etapa 1 nomeada de Análise do Problema tem-se o Briefing que detalha questões como persona, painel semântico, conceito, painel conceitual, ambiente escolhido, pesquisa de mercado, mapa mental, estudos e amostras de crochê e requisitos de projeto que agora convergem para que se tenha uma melhor percepção para a etapa 2 que configura a geração de alternativas para, por fim, detalhamento do projeto que ocorre na etapa final nomeada de Realização e análise da alternativa escolhida. A seguir, todas as etapas e ferramentas projetuais utilizadas são detalhadas.

3.1.1. Etapa 1: Análise do Problema

Löbach (2001) avalia que todo início projetual necessita da delimitação concisa da problemática estabelecida, organizando um levantamento de informações

sobre o projeto que será desenvolvido. A seguir, desdobram-se algumas ferramentas utilizadas nesta primeira fase do projeto.

a) Briefing

Ana Verônica Pazmino, em seu livro *Como se Cria: 40 métodos para design de produtos*, afirma que o briefing deve ser visto como um documento completo das necessidades e restrições do projeto, deve conter as informações sobre o produto, mercado (público-alvo, concorrência), diferenciais a serem explorados como: custo, tecnologia, apelo estético etc. (Pazmino, 2015, p. 22). O profissional deve ter em mente que é muito importante iniciar um projeto a partir das informações completas do cliente, e utiliza essas informações para guiar todo o trabalho. Para a presente pesquisa, o briefing será elaborado a partir do perfil do cliente ou persona, do painel semântico e da pesquisa de mercado. A proposta é criar um mobiliário infantil que represente a alegria e a liberdade da criança explorando uma temática que será estabelecida nas ações que seguem.

b) Persona

Aos 5 anos de idade, Sol já sabe ler, tem interesse em mapas, astros e quer conhecer outros países. Apesar disso, brincar é o seu maior passatempo. Gosta de karatê e de criar seus próprios amigos imaginários. Ama os animais, principalmente os pássaros. Seus pais, Jorge (70 anos, jornalista) e Maria (48 anos, jornalista), são apaixonados por leitura e viagens e amam estar em contato com a natureza, por isso, sempre que possível, levam Sol para passeios na praia e no campo.

Levando em consideração os perfis de Sol e dos pais, o mobiliário a ser desenvolvido deverá ser bem colorido, com tons fortes e vibrantes. Isto remete à personalidade livre e sonhadora do cliente e ao seu desejo de conhecer o mundo. O ideal é que esse mobiliário seja ao mesmo tempo funcional e leve, para que o nosso cliente possa transportá-lo de um cômodo para o outro da casa, de forma autônoma.

c) Painel Semântico

Utilizar imagens para representar o público-alvo é fundamental para que o processo cognitivo do designer perceba de forma mais nítida as necessidades do público a ser atendido pelo projeto (Pazmino, 2015. p. 105). O painel semântico do

presente trabalho tem como foco principal a liberdade de formas e movimentos. A leveza e criatividade do crochê, utiliza-se de cores vibrantes, características do pássaro escolhido como inspiração e que faz um casamento perfeito com a alegria de Sol. Nele destacamos as infinitas possibilidades de viagens e passeios e brincadeiras próprias da infância.

Figura 44: Painel Semântico.



Fonte: A autora, 2025.

d) Conceito

Tendo em vista o potencial da natureza para ser explorada como uma temática no projeto para crianças, procurou-se conhecer o bioma predominante no estado de Alagoas do qual destaca-se a Mata Atlântica e ecossistemas associados. De acordo com informações coletadas através do Ministério do Meio Ambiente, a Mata Atlântica é composta por formações florestais nativas (Floresta Ombrófila Densa; Floresta Ombrófila Mista, também denominada de Mata de Araucárias; Floresta Ombrófila Aberta; Floresta Estacional Semidecidual; e Floresta Estacional Decidual), e ecossistemas associados a ela (manguezais, vegetações de restingas, campos de altitude, brejos interioranos e encaves florestais do Nordeste). Conforme o IBGE

(dados de 2019) o bioma Mata Atlântica ocupa 1,1 milhões de km² distribuídos em 17 estados do território brasileiro e estende-se por grande parte da costa do país. Só que devido à ocupação e ação humana nesta região, hoje restam cerca de 29% da cobertura original (FUNCATE, 2015, online). Além de ser uma das regiões mais ricas do mundo em biodiversidade, a Mata Atlântica fornece diversos ecossistêmicos para os 145 milhões de brasileiros que vivem nela.

As florestas e os demais ecossistemas que compõem esse bioma, são responsáveis pela produção, regulação e abastecimento de água; regulação e equilíbrio climáticos; proteção de encostas e atenuação de desastres; fertilidade e proteção do solo; produção de alimentos, madeira, fibras, óleos e remédios; além de proporcionar paisagens cênicas e preservar um patrimônio histórico e cultural imenso. (FUNCATE, 2015, online).

Para se ter uma ideia da sua importância, existe até o dia Nacional da Mata Atlântica, comemorado em 27 de maio. Esse bioma tem a segunda maior biodiversidade das Américas, perdendo apenas para a Amazônia, e o maior número de espécies por área (Thomas et al., 1998; Morelato; Haddad 2000, apud Ministério do Meio Ambiente). Estima-se que existam na Mata Atlântica mais de 20 mil espécies de árvores e arbustos, 68 espécies de palmeiras e 925 de bromélias. A fauna, possui 4.944 espécies, mas de acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio (2018), 593 espécies, ou seja, mais de 14% do total, encontram-se em alguma categoria de ameaça de extinção. Essas categorias são: Extintas na Natureza (EW), Criticamente em Perigo (CR), Em Perigo (EN) e vulnerável (VU)). De acordo com Flora do Brasil (2021), das 49.987 reconhecidas pelos cientistas (nativas, cultivadas e naturalizadas), foram identificadas como de ocorrência no bioma Mata Atlântica 17.150 espécies, sendo que deste total 4.864 são conhecidos o estado de conservação e 43% destas encontram-se sob alguma categoria de ameaça de extinção.

Toda essa explanação sobre o bioma Mata Atlântica, é para que se possa apresentar o pequeno, mas de uma beleza exuberante, personagem, que nos leva ao conceito do presente trabalho.

Dentre as espécies do bioma explorado, buscou-se conhecer pássaros que estivessem em extinção, a fim de que a natureza pudesse ser valorizada de alguma forma no contexto desse projeto. Assim, evidencia-se as cores vibrantes, formas e texturas do pássaro Saíra-pintor (*Tangara Fastuosa*) ou Pintor-Verdadeiro.

Os pássaros parecem não se reger pelas mesmas leis da natureza que nós. Com a leveza do próprio pensamento, desafia a gravidade, estando tão à vontade no ar como em terra. Alguns podem até nadar debaixo d'água. Os pássaros formam um elo entre o céu e a terra, entre consciente e inconsciente e é quase universalmente considerado um símbolo da alma ou ânima, como a respiração do mundo ou como a alma do mundo escondida da matéria. São as suas penas que, por vezes em cores gloriosas, fazem dos pássaros um ser único no reino animal. (Ronnberg, 2011, p, 238).

Figura 45: Saíra-pintor (*Tangara fastuosa*)



Fonte: Instagram do fotógrafo e guia de turismo Sérgio Leal (@sergio_leal_1)

Com apenas 13 centímetros, ele apresenta cores vibrantes como roxo-violeta, laranja marcante e azul metálico, nas plumagens. Basta expor essa ave à luz do sol que o brilho dela se torna ainda mais presente. Mas infelizmente, toda essa beleza e colorido chamam a atenção de traficantes de animais, o que torna a sua apreciação livre na natureza cada vez mais difícil e coloca a Saíra-pintor na Lista Vermelha da União Internacional para Conservação da Natureza IUCN. Um fator importante, levado em consideração para a escolha dessa espécie é o fato dela ser endêmica do Nordeste brasileiro, e viver extremamente restrita ao litoral dos estados de Pernambuco, Alagoas e Paraíba.

Figura 46: Mapa de registros da espécie Saíra-pintor (*Tangara fastuosa*)



Fonte: https://www.wikiaves.com.br/mapaRegistros_saira-pintor&b=0

Apesar de ser pequena e de aparência inofensiva, ela é territorialista e capaz de defender sua moradia com agressividade. Costuma viver em grupos familiares e quase não é visto em bandos que misturem outras saíras. Ante a estes argumentos, o conceito escolhido é “De passarinhos” extraído de um poema do poeta brasileiro Manoel de Barros que se apresenta conforme Figura 47.

Figura 47: Poema de passarinhos, Manoel de Barros.

De Passarinhos

*Para compor um tratado de passarinhos
É preciso primeiro que haja um rio com árvores
e palmeiras nas margens.
É dentro dos quintais das casas que haja pelo menos
goiabeiras.
É que haja por perto brejos e iguarias de brejos.
É preciso que haja insetos para os passarinhos.
Insetos de pau sobretudo que são os mais palatáveis.
A presença de libélulas seria boa.
O azul é muito importante na vida dos passarinhos
porque os passarinhos precisam antes de belos ser eternos.
Eternos que nem uma fuga de Bach.*

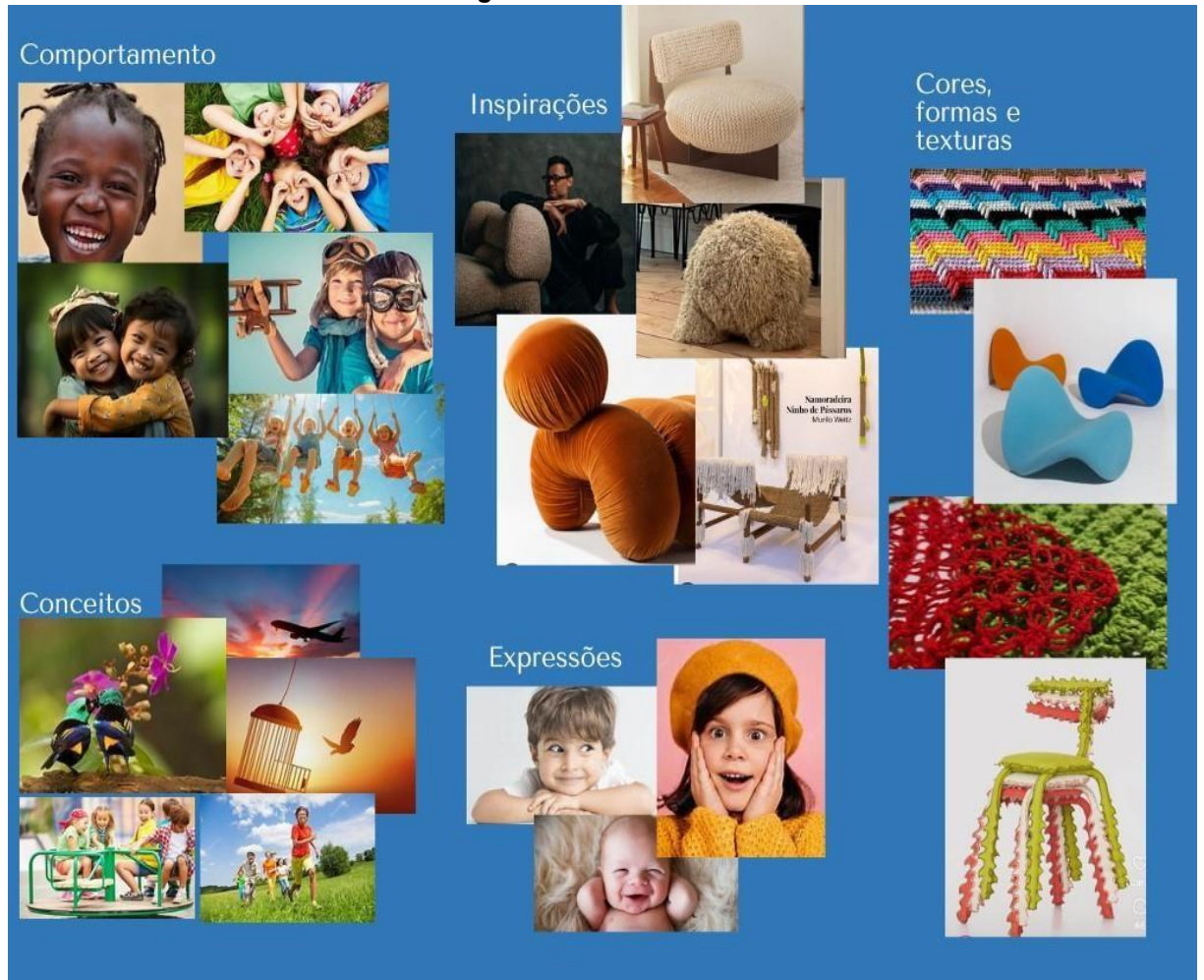
*Manoel de Barros
Compêndio para uso dos pássaros
(Poesia reunida 1937-2004)
Quasi Edições, 2007*

Fonte: a autora, 2025.

e) Painel Conceitual

Este painel tem o papel de auxiliar na definição e visualização do significado do produto. Por meio dele podemos gerar as alternativas e o estilo do mobiliário tema deste estudo.

Figura 48: Painel Conceitual

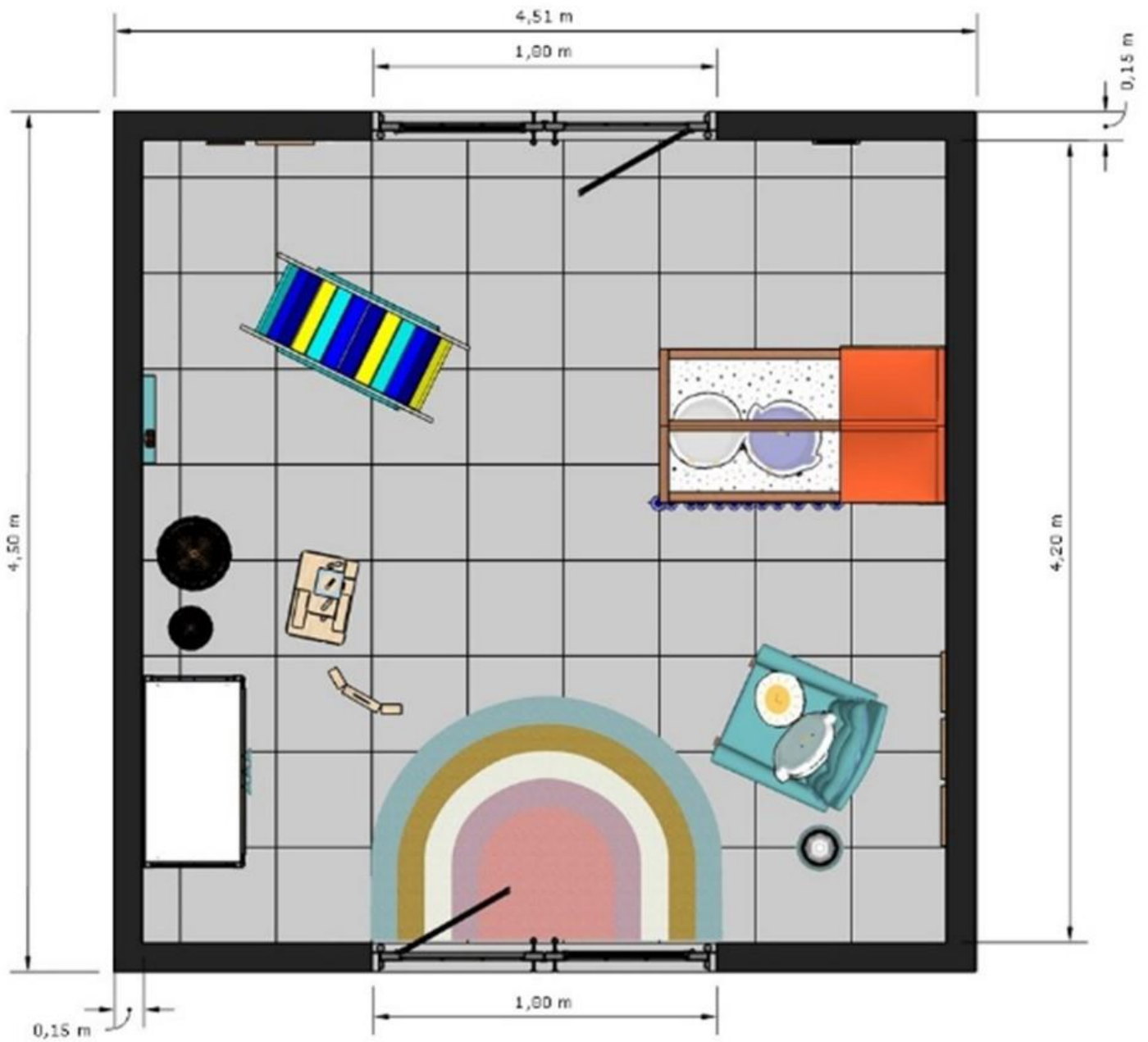


Fonte: A autora, 2025.

f) Ambiente residencial

No presente projeto, o produto a ser desenvolvido foi pensado para ambiente residencial podendo ser utilizado na sala, quarto e ou varanda. Como dito anteriormente, a ideia é que o usuário, neste caso específico a criança, possa levar seu mobiliário para diversos ambientes dentro da residência com ou sem a ajuda de um adulto. Para fins práticos da pesquisa será considerado uma persona fictícia, delimitando, assim, a margem referencial, além de direcionar o fluxo criativo. O ambiente residencial escolhido é real e consta de ambientes conforme planta baixa na Figura 49 e fotografia na Figura 50.

Figura 49: Planta baixa do ambiente onde mobiliário será utilizado.



Fonte: A autora, 2025.

Figura 50: Ambiente onde o mobiliário será utilizado (quarto).



Fonte: A autora, 2025.

g) Pesquisa de mercado

Uma breve pesquisa com produtos semelhantes, se mostrou reveladora. O mobiliário destinado ao público infantil ofertado em grandes redes de varejo, apresenta pouca variedade e na maioria das vezes as mesmas linhas de design. Em muitos casos, o material é plástico e sem acolchoado. Só as cadeirinhas de alimentação e de segurança para automóveis possuem revestimentos com espuma e tecido, para tornar a utilização mais prazerosa.

Inicialmente foi pensada a elaboração de uma cadeira infantil, objetivo que mudou durante a elaboração do projeto, já que o mobiliário deveria passar a sensação de liberdade. Pensou-se então na possibilidade de se fazer um balanço, mas após testes com os materiais disponíveis (papelão e madeira), por uma questão de segurança optou-se pela gangorra, que passa uma maior sensação de liberdade e que pode ser levada para qualquer lugar da casa. O papelão, escolhido primeiramente e testado nos mockups mostrou-se frágil e de menor durabilidade. O que justifica as referências de mercado pesquisadas e registradas na Figura 51.

Figura 51: Pesquisa de mercado com mobiliário infantil.

cadeiras



Cadeira Infantil Coutry Tok Stok
 Madeira maciça de reflorestamento (Pinus Elliottii) com acabamento em pintura e verniz poliuretano.
 Carga máxima suportável: 45kg.
 Altura até assento 32,5 cm.
 Altura: 60,30 cm
 Largura: 33,50 cm
 Profundidade: 37,50 cm
 Peso: ,50 kg



Cadeira Infantil Brinque Spaguet Abracadraba
 Materiais: Madeira de reflorestamento, provém de florestas plantadas com a finalidade de serem extraídas para darem espaço a novas árvores. Altura: 58,00 cm
 Largura: 40,00 cm
 Comprimento: 34,00 cm
 Cor: Amêndoa e Branco



Cadeira Infantil Sofia Empório Paraíso (Magazine Luiza)
 Estruturas em madeira maciça de pinus com acabamento em verniz, pintura que preserva a cor natural do produto, as partes produzidas em MDF são laqueadas com brilho fosco. Peso: 3,10kg
 Altura: 57,05 cm
 Largura: 29,00 cm
 Profundidade: 31,00 cm
 Altura dos pés: 29,00 cm
 Peso suportado: 80,00kg

gangorras



Gangorra Cavalinho Pocotó Cururmim Kids
 Gangorra Cavalinho da Junges em madeira de reflorestamento (MDF) com pintura atóxica e detalhes impressos em serigrafia.
 Indicado para crianças com até 35 kgs – INMETRO
 Dimensões do produto: 75x24x48 cm
 Peso do produto: 2,800 kg
 Idade indicada: +24m



Gangorra Infantil Pinkler A casa da Criança
 Cadeira infantil, em madeira A Gangorra Pikler, inspirada na abordagem Pikler é um brinquedo que estimula a criança ao livre brincar.
 Dimensões: C (95 cm) x L (44 cm) x A (40 cm)
 Peso: 6 kg
 Suporta: 50 kg



Gangorra Cavalinho com som Xalingo
 Indicado para crianças a partir de 3 anos, possibilita o desenvolvimento da coordenação motora e equilíbrio.
 Idade: 3 - 4 anos, 5 - 7 anos
 Dimensões: 49 x 39,5 x 106 cm
 Peso do produto: 6,37 Kg
 Peso suportado: 30 Kg por assento

balancos



Cadeirinha de balanço Media Brejá (Multiprat)
 Construída com madeira de reflorestamento e bellissimo acabamento. Indicado para crianças de 3 a 12 anos; Fabricado em madeira Pinus e Possui corda de Nylon 8mm com aprox. 2mt em cada uma das 4 cordas; Possui espaçadores esféricos coloridos de 25mm fabricados em plástico maciço; Assento ergonômico dando maior conforto para o usuário; Possui trava dianteira evitando quedas



Cadeira rede suspensa Brinano Redes
 Madeira de alta resistência com 95 cm de largura.
 Suporta até 90 kg
 De fácil montagem e instalação!
 Tecido feito com 100% Algodão.
 Fácil de lavar, pode ser à mão ou em máquinas.
 Peso do produto: +/- 1,900 kg incluindo a madeira.
 Altura mínima entre o piso e o local a ser instalada recomendada é de 2,00 mt.

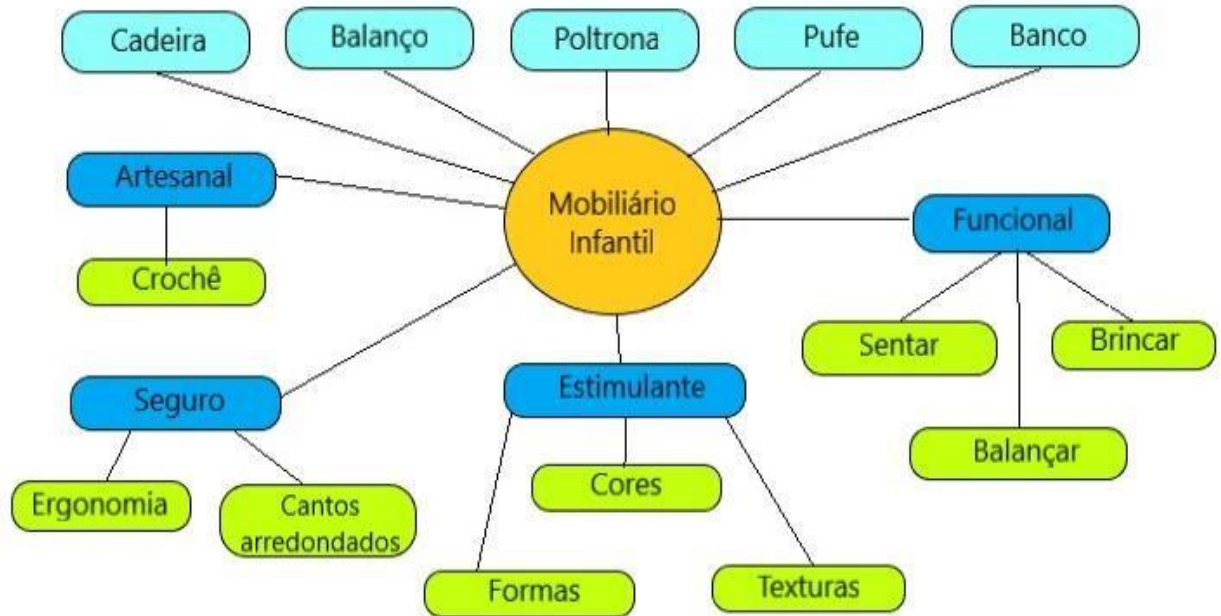


Balanço de madeira Tão Perto, Tão Longe - Stain E Meu móvel de madeira
 Altura: 4,00 cm
 Largura: 32,60 cm
 Comprimento: 50,00 cm
 Capacidade de peso: 100 Kg

h) Mapa mental

O mapa mental ajuda no registro dos elementos do projeto, no planejamento e na redução de problemas.

Figura 52: Mapa mental com alguns itens a serem considerados no projeto.



Fonte: A autora, 2025.

i) Estudos e amostras de crochê

Para poder entender quais pontos e materiais seriam possíveis de serem utilizados no desenvolvimento do mobiliário foi realizado um estudo com diferentes materiais realizando a técnica de crochê. A Figura 53 mostra a construção desse processo de estudo.

Figura 53: Estudos de Amostras, materiais e fios.



Fonte: A autora, 2025.

Após explorar algumas possibilidades foram organizadas as amostras por alternativas de pontos e materiais. A Figura 54, mostra um esquema com a organização do material confeccionado.

Figura 54: Amostras de alternativas de pontos, formas e fios.

amostras de pontos



Granny Square
Pontos: Corrente, Baixíssimo, Alto.
Fio: Charme (Círculo)
Agulha: 3.5



Waffle
Pontos: Corrente, Alto em relevo.
Fio: Bella (Pingouin)
Agulha: 2.0



Filé
Pontos: Corrente, Alto.
Fio: Charme (Círculo)
Agulha: 3.5



Pipoca
Pontos: Corrente, Baixo, Alto.
Fio: Charme (Círculo)
Agulha: 3.5



Granny Square
Pontos: Corrente, Baixíssimo, Alto.
Fio: Charme (Círculo)
Agulha: 3.5



Alpino
Pontos: Corrente, Alto em relevo.
Fio: Charme (Círculo)
Agulha: 3.5



Falso tricô
Pontos: Corrente, alto.
Fio: Bella (Pingouin)
Agulha: 2.0



Segredo
Pontos: Alto, Baixo.
Fio: Anne
Agulha: 2.0

amostras de formas e materiais



Círculo
Pontos: Anel mágico, Baixo.
Fio: Malha Residual Trapillo (Círculo)
Agulha: 8.0



Pena
Pontos: Anel mágico, Baixo.
Fio: Barroco Maxcolor (Círculo)
Agulha: 4.0



Hexágono
Pontos: Anel mágico, Baixo, Alto.
Fio: Barroco Maxcolor (Círculo)
Agulha: 4.5



Penugem
Pontos: Corrente, Alto.
Fio: Trento (Euroroma)
Agulha: 3.0



Triângulo
Pontos: Anel mágico, Baixo, Alto.
Fio: Bella (Pingouin)
Agulha: 2.0



Folha
Pontos: Corrente, Baixo, Alto, Alto em relevo.
Fio: Charme (Círculo)
Agulha: 3.5

Fonte: a autora, 2025.

j) Requisitos de Projeto

A especificação do projeto é um documento que serve como registro das necessidades dos clientes, auxiliando no controle de qualidade do seu desenvolvimento. É um conjunto de informações de projeto com uma meta a ser atingida. Os requisitos que possuem um forte relacionamento com as necessidades dos usuários passarão a ser obrigatórios e definirão as características do produto. (Pazmino, 2015, p. 31,32).

No Quadro 1 é possível consultar a conversão dos requisitos de usuário em requisitos de projeto e metas que deverão ser alcançadas nas próximas etapas de criação do projeto.

Quadro 1: Conversão de requisitos dos usuários em requisitos de projeto.

Requisitos	Objetivos	Classificação
Mobiliário infantil	Gangorra	Necessário
Estética agradável, visual atrativo	Bom acabamento	Necessário
	Formas orgânicas	
	Conceito de Passarinhos que foi escolhido através de pesquisa sobre a Saíra-pintor (Tangara Fastuosa).	
Praticidade	Leveza	Desejável
Funcionalidade	Proporcionar relaxamento.	Desejável
	Estofamentos no encosto e laterais.	
Ludicidade	Proporcionar brincadeiras.	Necessário
Ergonomia	Dimensões adequadas ao público-alvo.	Necessário
Baixo custo	Redução de custos no processo de desenvolvimento.	Desejável
Fácil montagem	Material montado de forma simples.	Necessário
Cores	Vivas e vibrantes.	Necessário
Estímulo tátil	Uso de texturas através de padrões diferentes de crochê.	Necessário

Fonte: A autora, 2025.

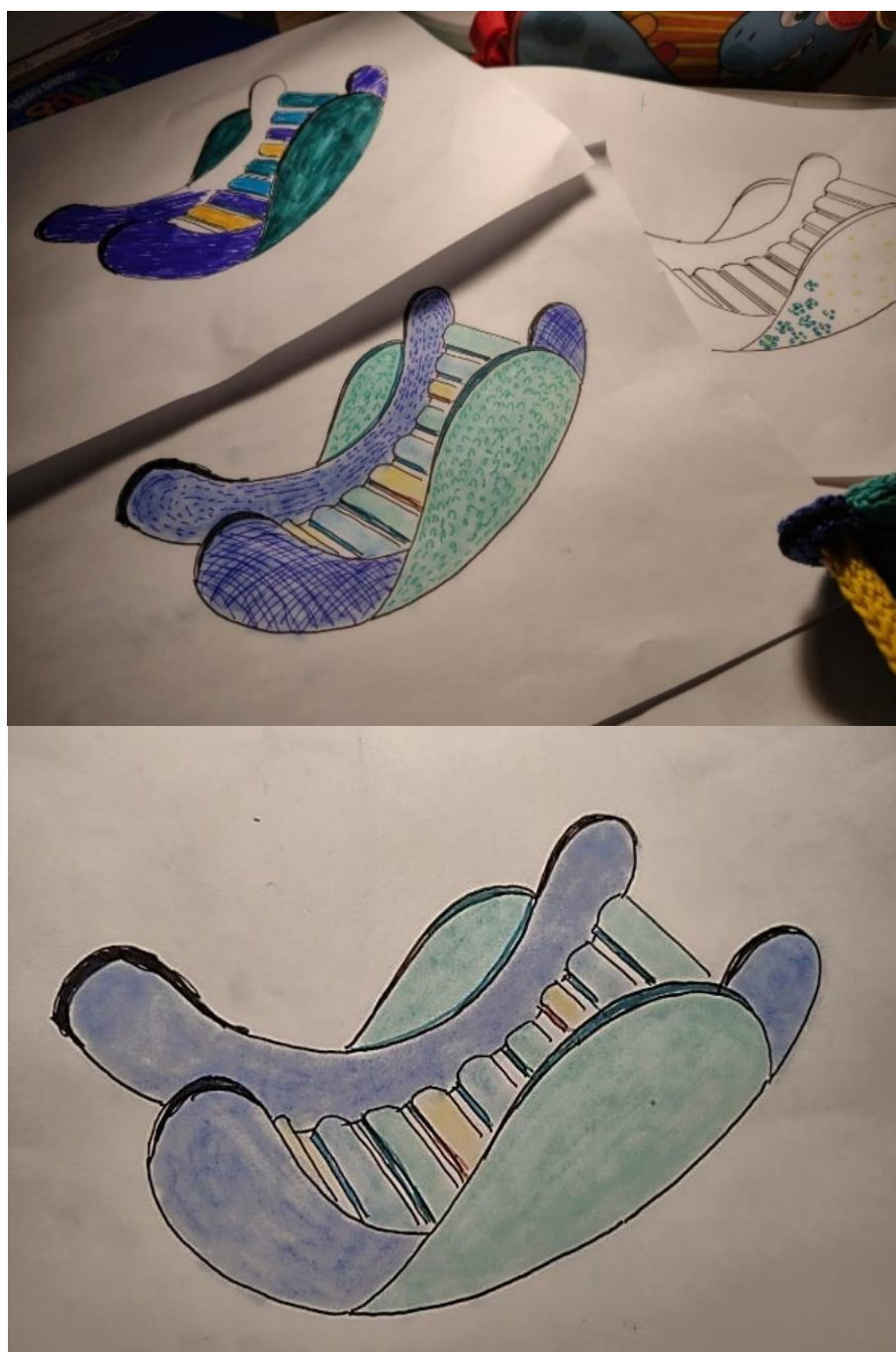
3.1.2. Etapa 2: Geração de Alternativas

Com as possibilidades de pontos de crochê organizadas passou-se para geração de alternativas do mobiliário do tipo gangorra. A Figura 55 mostra desenhos onde procurou-se explorar a silhueta e cores do pássaro Saíra-pintor que foi escolhido como temática norteadora do conceito.

a) Desenhos e croquis

Tendo as possibilidades de pontos de crochê organizadas passou-se para geração de alternativas do mobiliário do tipo gangorra. A Figura 55 mostra desenhos onde procurou-se explorar a silhueta e cores do pássaro Saíra-pintor que foi escolhido como temática norteadora do conceito.

Figura 55: Estudos e croquis da alternativa escolhida.



Fonte: a autora, 2025.

b) Mockups

Escolhidas algumas alternativas de desenhos, foram desenvolvidos estudos volumétricos a nível de mockups para verificação da configuração formal do mobiliário a ser desenvolvido. A Figura 56 mostra alguns estudos em material de papel e derivados.

Figura 56: Estudos da estrutura e formas a nível de mockups.



Fonte: A autora, 2025.

Após verificação das formas, um dos modelos foi escolhido para o detalhamento da alternativa escolhida, tendo em vista os requisitos projetuais já explanados. A Figura 57 mostra imagens da alternativa escolhida com o recobrimento da renda crochê.

Figura 57: Mockup da alternativa escolhida finalizado com aplicação da técnica de crochê.



Fonte: A autora, 2025.

Durante a elaboração do mockup várias alternativas de estrutura e formas foram geradas. Algumas opções como cadeiras, cadeiras de balanço, poltronas e balanços foram levadas em consideração, e o papelão foi a base escolhida inicialmente para dar forma ao mobiliário.

Mas ao longo do processo de criação notou-se que alguns requisitos importantes como segurança e durabilidade não foram atendidos por esse material. Como existia a possibilidade do mobiliário ser um balanço suspenso, o papelão não ofereceria a resistência necessária. Outro fator importante que levou a escolha da madeira e não do papelão, é o fato dos usuários serem crianças e que em algum momento da utilização o mobiliário poderia ser molhado, comprometendo a segurança da criança e a durabilidade do produto. Por tanto, o material escolhido para estruturar o mobiliário e atender a questões como segurança e durabilidade, foi a madeira.

3.1.3. Etapa 3: Realização e análise da alternativa escolhida

a) Detalhamento da alternativa

O detalhamento da alternativa escolhida seguiu para desenhos de medidas gerais (Figura 58) e modelagem virtual (Figuras 59, 60, 61 e 62) e desenhos técnicos (Apêndice 1).

Figura 58: Desenhos com medidas gerais.

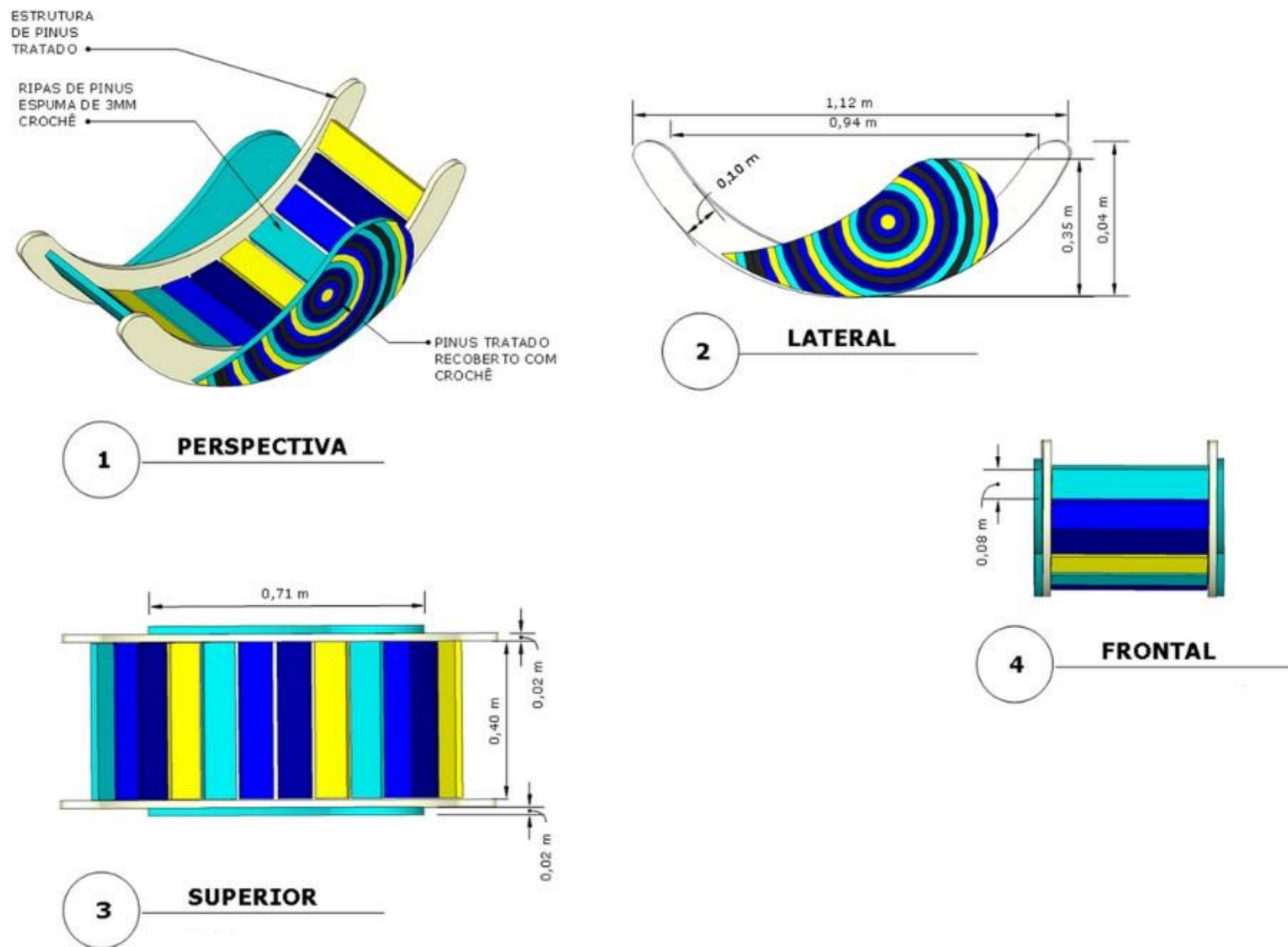


Figura 59: Modelagem virtual da alternativa escolhida.



Fonte: A autora, 2025.

Figura 60: Modelagem virtual da alternativa escolhida.



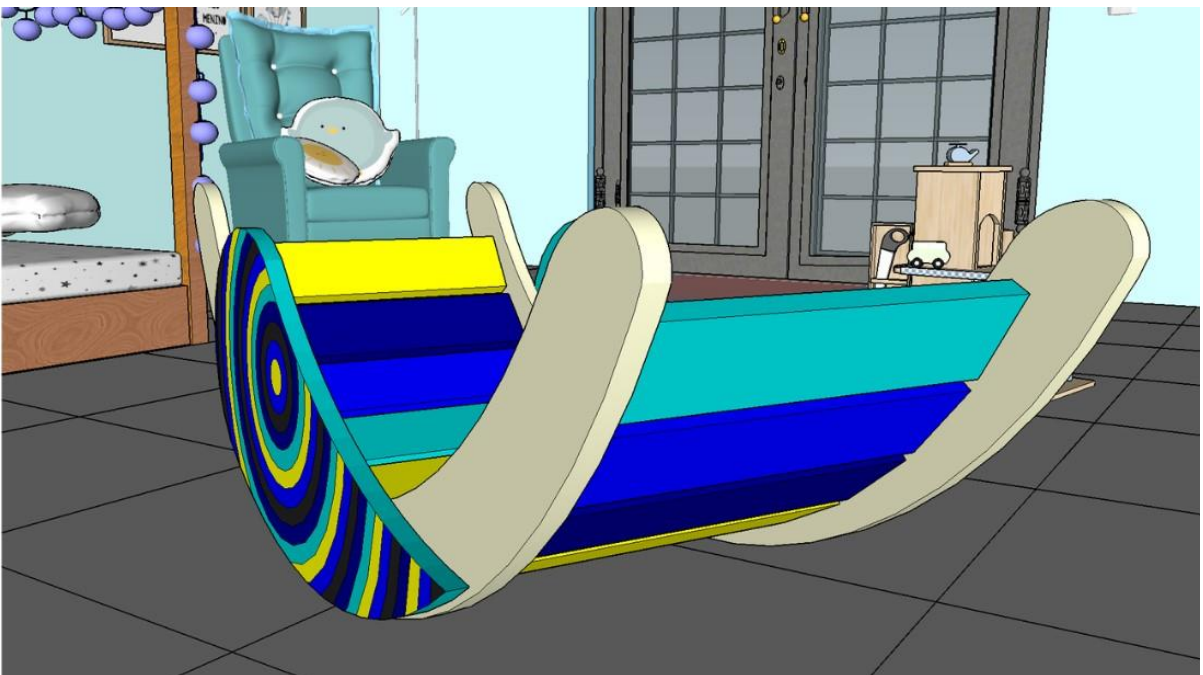
Fonte: A autora, 2025.

Figura 61: Modelagem virtual da alternativa escolhida.



Fonte: A autora, 2025.

Figura 62: Modelagem virtual da alternativa escolhida.



Fonte: A autora, 2025.

b) Processo de criação do protótipo

Tendo em mãos as especificações gerais de medidas passou-se para o desenvolvimento do protótipo que é a alternativa em escala real e com material adequado. O processo foi todo realizado pela autora e seguiu ações conforme Figura 63.

Figura 63: Passo a passo de criação do protótipo do mobiliário sendo desenvolvido.



Madeira utilizada na estrutura do mobiliário.



Corte da madeira com serra tico-tico.



Ferramentas utilizadas no corte e montagem.



Cortes de peças.



Peças em madeira sendo recobertas.

Fonte: A autora, 2025.

Figura 64: Fotografia do protótipo do mobiliário desenvolvido com descritivo dos tipos de pontos e materiais utilizados.

A AGULHA 4.0 FOI UTILIZADA
EM TODO O TRABALHO



Fonte: A autora, 2025.

c) Análise dos Requisitos de Projeto x Alternativa final

A fim de avaliar se a alternativa escolhida atendeu os requisitos estabelecidos no início do processo projetual, o Quadro 2 traz uma relação entre os requisitos e o potencial da alternativa de produto escolhida.

Quadro 2: Avaliação dos requisitos do projeto frente aos resultados alcançados na alternativa desenvolvida.

Requisitos		Objetivos	Avaliação
Visual atrativo		Bom acabamento	*
		Formas orgânicas	+
		Conceito de Passarinhos que foi escolhido através de pesquisa sobre a Saíra-pintor (Tangara Fastuosa).	+
Praticidade		Leveza	*
Funcionalidade		Proporcionar relaxamento.	+
		Estofamentos no encosto e laterais.	
Ludicidade		Proporcionar brincadeiras.	+
Ergonomia		Dimensões adequadas ao público-alvo.	*
Baixo custo		Redução de custos no processo de desenvolvimento.	/
Fácil montagem		Material montado de forma simples.	*
Cores		Vivas e vibrantes.	+
Estímulo tátil		Uso de texturas através de padrões diferentes de crochê.	+
Legenda			
	Ótimo	+	
	Médio	*	
	Bom	/	
	Ruim	-	

Fonte: A autora.

Após avaliar a alternativa construída pode-se observar aspectos positivos e negativos. O ponto mais interessante do produto ficou relacionado com a sua configuração formal no que se acredita ser um visual atrativo para o usuário delimitado. Outro aspecto relevante foi em relação a funcionalidade garantida pelas formas e o estímulo tátil proporcionado pelo trabalho dos diferentes padrões da técnica de crochê empregadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de uma longa jornada de pesquisas, leituras, questionamentos, acertos e erros, finalmente chegamos à fase de conclusão do trabalho. E o que bem lá no início parecia simples, a construção de um mobiliário infantil utilizando a técnica do crochê, foi na verdade desafiador.

O pensamento inicial era a construção de um protótipo de uma cadeira, prova disso é a pesquisa de mercado presente no corpo do trabalho. Mas aí veio a escolha do conceito. E o que parecia estar resolvido, mudou. O balanço inicialmente se aproximava mais da liberdade das crianças e do voo dos passarinhos, escolhido como referência temática. E daí não bastava balançar no ar, tinha que balançar quando alcançasse o chão também, proporcionando explorar diferentes lugares da residência delimitada como ambiente em que o produto será utilizado, o protótipo finalmente escolhido foi a gangorra.

Na cadeira, a base de papelão parecia funcionar perfeitamente, mas o material não ofereceu resistência e segurança para balançar no ar. Mais uma mudança, e desta vez a madeira pareceu mais robusta e se tornou a solução mais viável e de rápida aquisição. Vale observar que toda a prototipagem incluindo o corte das peças foi feito pela própria autora. Apesar dos desafios e mudanças, pode-se dizer que os objetivos de uma forma geral foram alcançados. O fazer manual proposto no objetivo geral está presente no revestimento de todo mobiliário. O crochê além de explorar as cores do pássaro escolhido como enfoque, apresenta texturas diversas que favorecem a exploração do sentido tátil.

Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa foi enriquecedora, apesar da descoberta da indagação sobre a origem do crochê ainda ter ficado em aberto. Mas o mais importante é a certeza de que com o material certo e um bocado de imaginação, o crochê pode ser usado de muitas formas e continuar passando através de gerações. Prova disso são os artistas, designer, estilistas e artesãos citados durante a elaboração da pesquisa que redescobriram a técnica aprendida com suas mães ou avós.

Que venham novos desafios e que o fazer manual, seja ele qual for, seja sempre reconhecido, respeitado e levado adiante pelas gerações futuras.

REFERÊNCIAS

BOOTH, S.; PLUNKETT, D. **Mobiliário Para o Design de Interiores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: O caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CALEGARI, MARI. **Crochê e um pouco da sua história**. Londrina, PR. Blog da Mari Calegari, Disponível em: <<https://blogdamaricalegari.com.br/2017/06/09/croche-e-um-pouco-de-suahistoria/>> Acesso em: 16 jun. 2025.

CASTRO, Marie. **Canal Marie Castro no Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@mariecastro>> Acesso em: 31 mar. 2025.

CONTE, Mariana, Milão, 2019. **Missoni cria casa multicolorida de crochê**. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Design/Feiras/Salao-do-Movel-de-Milao/noticia/2019/04/milao-2019-missoni-cria-uma-casa-multicolorida-de-croche.html>>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CUÉLLAR, Javier Pérez de (org.). **Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento**. Brasília: UNESCO / Papyrus Editora. 1997.

DANTAS, Lucas. **Inconfidentes, capital nacional do crochê**. Disponível em: <https://www.conhecaminas.com/2021/02/inconfidentes-capital-nacional-docroche.html#google_vignette>. Acesso em: 20 abr. 2025.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Programa do Artesanato Brasileiro**: Disponível em: https://www.semipi.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2024-05/portaria_n_1.007-sei_de_11_de_junho_de_2018.pdf. Acesso em: 10/ fev. 2025.

ESTEVAO, Ilca Maria. **Artista brasileiro Ernesto Neto expõe instalações de crochê em Paris**. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/artista-brasileiro-ernesto-neto-expoe-instalacoes-de-croche-em-paris>> Acesso em: 25 abr. 2025.

FRASER, Tom. **O guia completo da cor**. Tradução Renata Bottini. – São Paulo: Senac, 2007.

FREITAS, Ana Luiza Cerqueira. **Design e Artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto**. Blücher acadêmico, 2011.

IIDA, Itiro.; GUIMARÃES, Lia Buarque de Macedo. **Ergonomia: projeto e produção**. 3.ed. São Paulo. Blücher, 2016.

LINHAS CORRENTE. **Quais são os tipos de crochê que existem**. Disponível em: <<https://linhascorrente.com.br/2024/09/26/quais-sao-os-tipos-de-croche-que-existem/>> Acesso em: 30 mai. 2025

LÖBACH, Bernd. Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: Edgar Blücher, 2001.

MARKS, Ruth. **History of crochet**. Crochet Guild of America (CGOA), 2009, p.1-8, 01 set. 1997. Disponível em: <<https://www.crochet.org/page/CrochetHistory>>. Acesso em: 15 mar. 2025.

MEU PARANÁ. **Barbosa Ferraz: conheça a capital do crochê no Paraná**. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/rpc/meuparana/noticia/barbosa-ferraz-conheca-a-capital-do-croche-no-parana.ghtml>. Acessado em: 21 mai. 2025.

MIGLIANI, Audrey. **Escala Humana Para Crianças**. 2020. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/949723/escala-humana-para-criancas-um-historico-sobre-mobiliarios-infantis>>. Acesso em: 22 mai. 2025.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA. **Mata atlântica**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/biomas-e-ecossistemas/biomas/mata-atlantica>> Acesso em: 15 abr. 2025.

MONTESSORI, Maria. **A descoberta da criança** – pedagogia científica. 1 ed. Setembro, 2017. CEDET. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/643270475/A-descoberta-da-criancaMaria-Montessori#>> Acesso em: 19 abr. 2025.

MONTORO, Vanessa. **Site da marca**. Disponível em: <<https://www.vanessamontoro.com/marca/>> Acesso em: 28 mar. 2025.

MOURÃO, Nadja Maria; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro. **Memória do crochê: cultura afetiva em objetos biográficos**. Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 69–88, 2021. DOI: 10.5965/25944630522021069. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/19746>> Acesso em: 12 mai. 2025.

NICOLAU, Cintia. **Canal Cíntia Nicolau Craft**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@cintianicolaucraft>> Acesso em: 07 abr. 2025.

NOVAES, M. **História do crochê: da origem à atualidade**. Escola de Artes Manuais, Brasília, DF. Disponível em: <<https://escoladeartesmanuais.com.br/blog/a-historia-do-croche>> Acesso em 01 mar. 2025.

PALUDAN, Lis. **Crochet: history and technique**. 1.ed. London: Interweave Press, 1995. ISBN 10: 1883010098 / ISBN 13: 9781883010096

PAZMINO, Ana Verônica. **Como se cria: 40 métodos para design de produtos**. São Paulo: Blucher, 2015.

PIC LIC. **Quais são os tipos de crochê**. Disponível em: <<https://piclic.com.br/quais-sao-os-tipos-de-croche/>> Acesso em: 12 jun. 2025.

PINHEIRO, A. C. de F. B.; CRIVELARO, M. **História e Desenvolvimento de Mobiliário**, São Paulo, 2015.

RÊGO, Cyntia. **Descobrimo o crochê na história.** Disponível em: <<https://www.urdume.com.br/post/descobrimo-o-croch%C3%AA-na-hist%C3%B3ria>> Acesso em: 18 mar. 2025.

RIBEIRO, Kátia. **Tapestry no crochê mistura de cores e técnicas para peças encantadoras.** Disponível em: <<https://www.katiaribeiro.com.br/tapestry-no-croche-mistura-de-cores-e-tecnicas-parapecas-encantadoras/>> Acesso em: 04 abr. 2025.

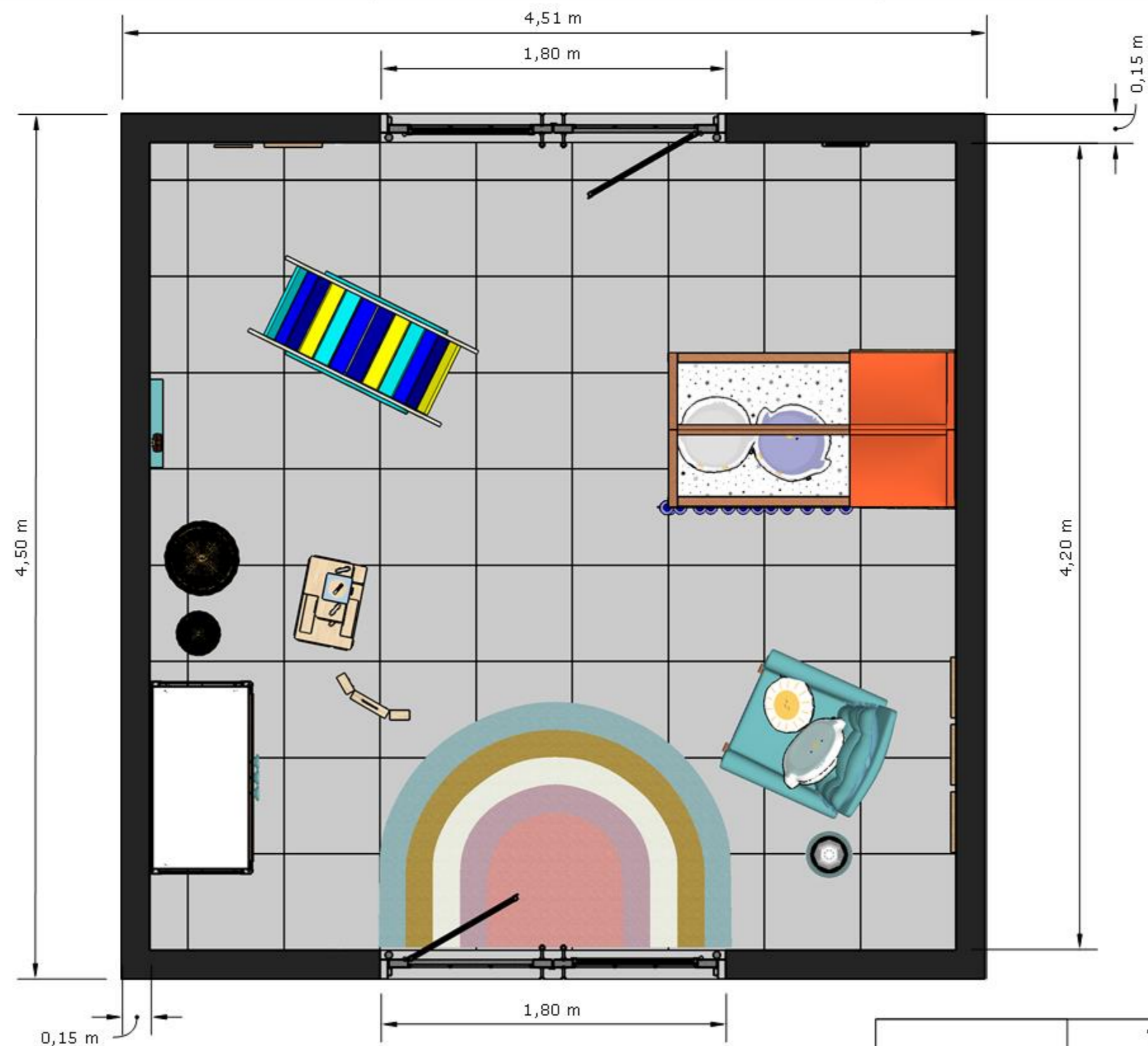
RONNBERG, A.; MARTIN, K.; ARCHETYPAL, I. **O livro dos símbolos:** reflexões sobre as imagens arquetípicas. Köln: Taschen, 2011.

SILVEIRA, Denise Tolfo & PEIXOTO, Fernando. In: **Métodos de Pesquisa.** [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TEMPONE, Denise. **Eléonore Riego de la Branchardière:** The Mother of Modern Crochet. Disponível em: <<https://www.domestika.org/en/blog/10410-eleonore-riego-de-la-branchardiere-themother-of-modern-crochet>> Acesso em: 20 abr. 2025.

WIKI AVES. **Mapa de registros do Saíra-pintor.** Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/mapaRegistros_saira-pintor&b=0> Acesso em: 30 mar. 2025

APENDICE 1: Planta baixa do ambiente com o protótipo aplicado



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

De Passarinhos

ALUNA:
MARIA ESTHER CARVALHO CARNAÚBA

INSTITUIÇÃO:
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS-IFAL

CURSO:
DESIGN DE INTERIORS

ENDEREÇO:
RUA DO FERROVIÁRIO, 530. CENTRO. MACEIÓ-AL. CEP.57020-600

PROJETO:
TCC

DESENHO:
GANGORRA "DE PASSARINHOS"

FOLHA
1/1

ESCALA:
1:25

ETAPA:
PLANTA BAIXA

DATA:
03/07/2025

APENDICE 2: Vistas do ambiente em o protótipo aplicado.



VISTA 1



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

De Passarinhos

ALUNA:
MARIA ESTHER CARVALHO CARNAÚBA

INSTITUIÇÃO:
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

CURSO:
DESIGN DE INTERIORES

ENDEREÇO:
RUA DO FERROVIÁRIO, 530. CENTRO, MACEIÓ. CEP 57020-600

PROJETO:
TCC

DESENHO:
GANGORRA "DE PASSARINHOS"

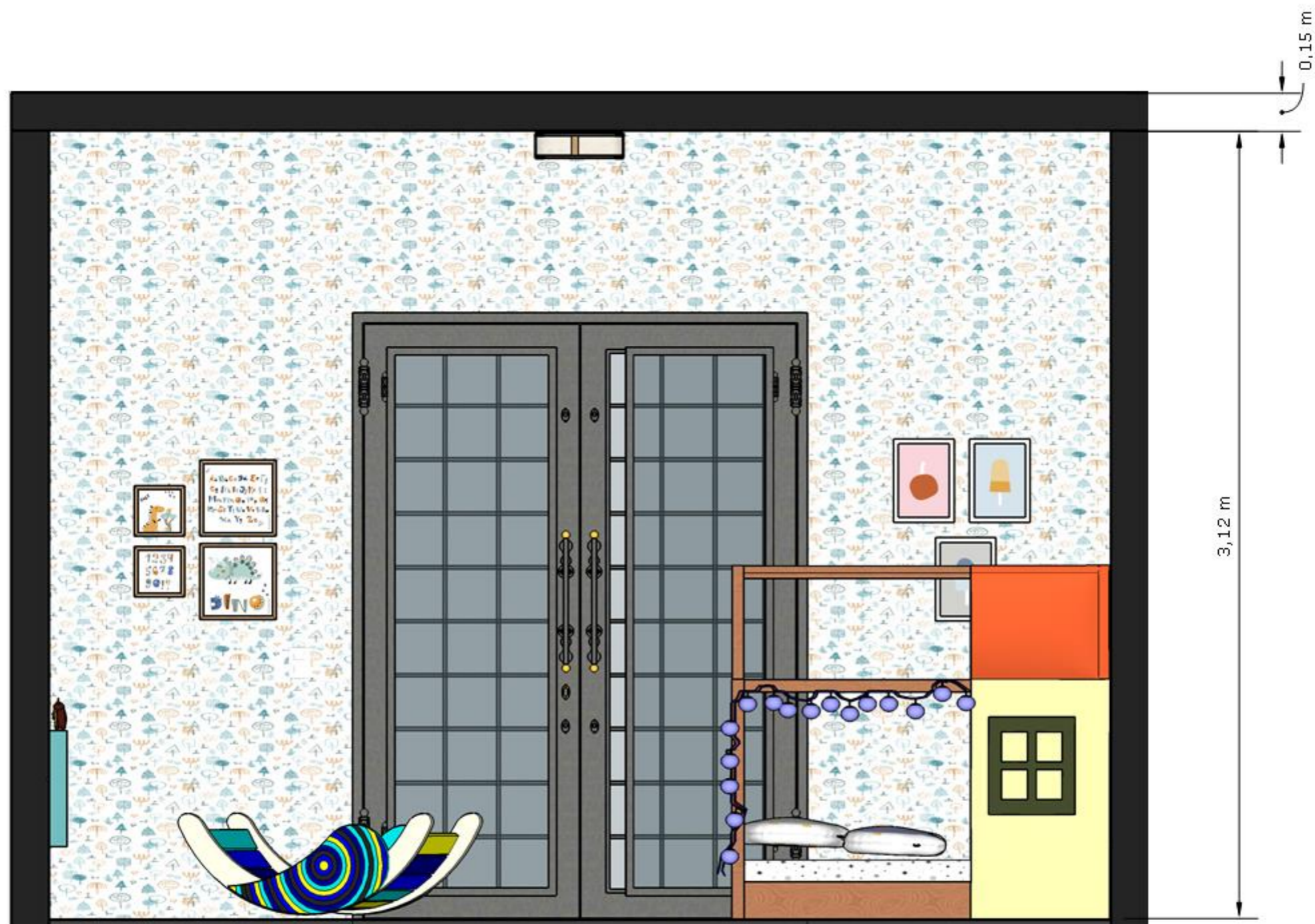
FOLHA

ESCALA:
1:20

ETAPA:
VISTAS E PERSPECTIVAS

DATA:
03/07/2025

1/2



VISTA 2



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

De Passarinhos

ALUNA:
MARIA ESTHER CARVALHO CARNAÚBA

INSTITUIÇÃO:
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

CURSO:
DESIGN DE INTERIORES

ENDEREÇO:
RUA DO FERROVIÁRIO, 530. CENTRO, MACEIÓ. CEP 57020-600

PROJETO:
TCC

DESENHO:
GANGORRA "DE PASSARINHOS"

FOLHA

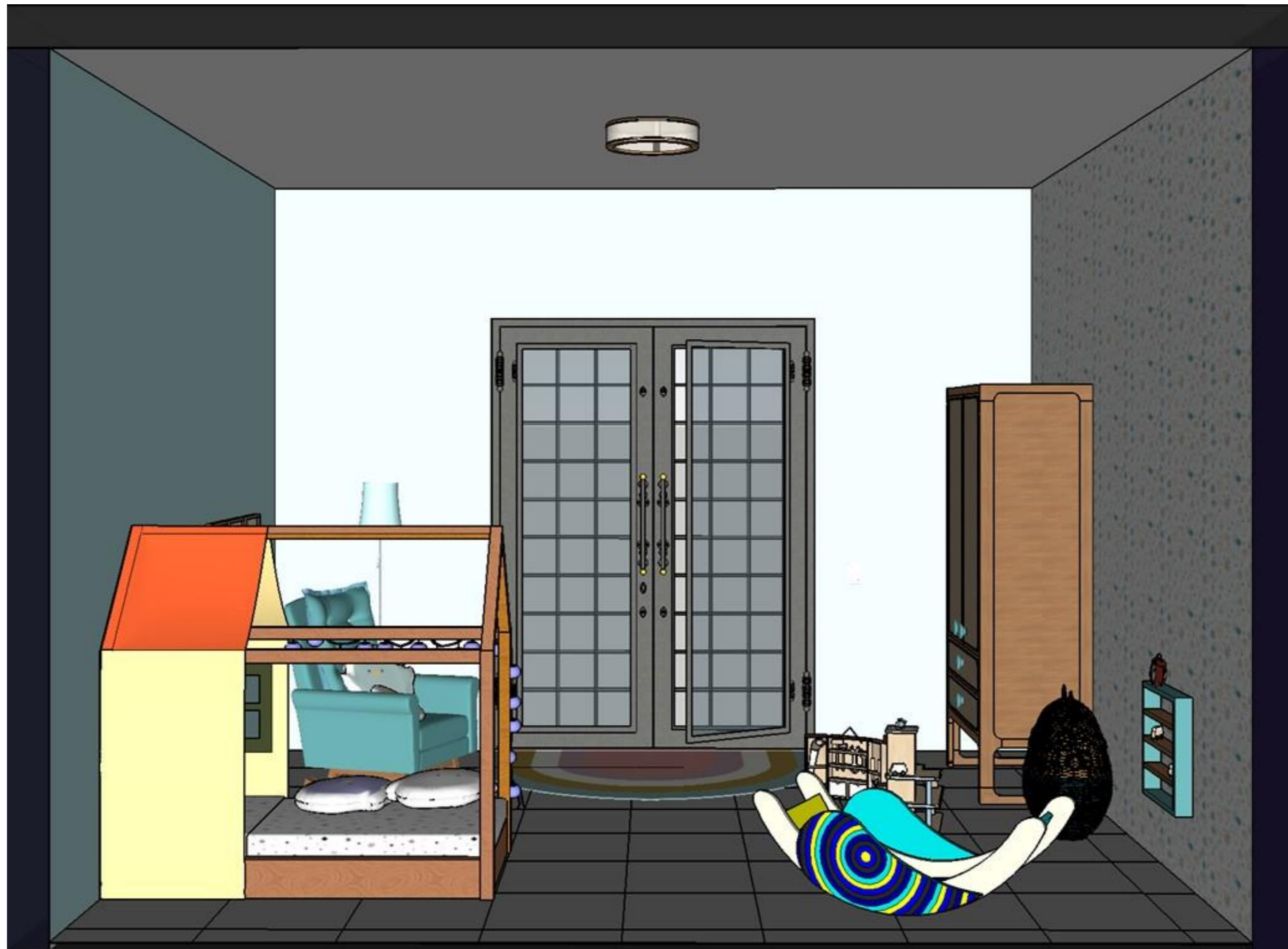
ESCALA:
1:20

ETAPA:
VISTAS

DATA:
03/07/2025

2/2

APENDICE 3: Modelagens do ambiente com o protótipo aplicado.



Fonte: A autora, 2025.



Fonte: A autora, 2025.

APENDICE 4: Modelagens do protótipo com diversas opções de cores.



Fonte: A Autora 2025.

APENDICE 4: Modelagens do protótipo com diversas opções de cores.

De Passarinhos

